

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**LISBOA**

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

**PROCESSO DE ADAPTAÇÃO NAS FAMÍLIAS  
ADOTIVAS – A PERCEÇÃO PARENTAL SOBRE  
EXIGÊNCIAS E POTENCIALIDADES**

**Filipa Almeida Nogueira**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/**

**Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2015**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**PROCESSO DE ADAPTAÇÃO NAS FAMÍLIAS  
ADOTIVAS – A PERCEÇÃO PARENTAL SOBRE  
EXIGÊNCIAS E POTENCIALIDADES**

**Filipa Almeida Nogueira**

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/  
Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2015**

*“Filha, sorri, sorri sempre,  
porque pior que não sorrir  
é não saber rir!”*

*Nunca te esqueças que quando  
pensamos que temos as respostas a tudo,  
a vida coloca-nos novas perguntas!”*

Ao meu pai.

## **Agradecimentos**

*À minha orientadora, Professora Doutora Isabel Narciso,  
pela paciência, firmeza e ensinamentos.*

*À Dra. Marta Nunes, por todo o apoio,  
conselhos e disponibilidade.*

*Às minhas amigas da faculdade, por terem sido o meu maior apoio,  
nestes cinco anos académicos.*

*A todos os meus amigos de Leiria, por acreditarem em mim,  
e pela paciência neste momento em que estive mais ausente.*

*À minha família, por sempre me motivarem a continuar,  
dando-me força para não desistir.*

*Ao meu irmão, por todas as aprendizagens, pela alegria, pela força e,  
também, por não me ter deixado desistir.*

*À minha mãe, sobretudo por acreditar em mim  
e por me ter educado como uma pessoa alegre e forte.*

## Resumo

Dado que o número de adoções parece ter vindo a aumentar ao longo dos anos, revela-se de grande interesse a investigação desta temática. Uma vez que a maioria das investigações têm incidido no primeiro ano após a efetivação da adoção, torna-se necessário o aprofundamento da temática, para além desse período. Assim, a presente dissertação de caráter exploratório, pretende analisar, através de uma metodologia qualitativa, a adaptação familiar face à adoção, considerando a perceção parental sobre as exigências e as potencialidades. Para tal, a amostra foi constituída por 17 participantes, com idades compreendidas entre os 37 e os 47 anos de idade, cujos 15 filhos adotivos, tinham idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos de idade. Os resultados obtidos revelaram que as principais exigências diziam respeito à criação de expectativas, ao momento de comunicação sobre adoção com a família alargada, exigências inerentes ao serviço de adoção e dificuldades ao nível do ajustamento à parentalidade, dado algumas características específicas das crianças adotadas. Como potencialidades, emergiu o apoio por parte da família alargada, a relação parental-filial, a convergência entre casal, uma personalidade otimista, o suporte social, a procura de informação por parte dos pais e a conseqüente capacidade de pedirem ajuda. Apesar de marcada por alguma ambivalência, salienta-se uma perceção positiva da adoção, sendo que a trajetória de adaptação parece ser tendencialmente positiva. Apresenta-se, também, uma análise das limitações, bem como uma reflexão sobre investigações futuras e implicações para a prática clínica.

**Palavras-chave:** parentalidade adotiva; exigências familiares; potencialidades familiares; perceção da situação de adoção; trajetórias adaptativas.

## **Abstract**

Given that the numbers of adoptions seem to have been increasing over the past years, there is considerable interest on further researching this subject area. Since the majority of scientific research has been focused on the first year following the completion of the adoption process, it becomes thus necessary to research beyond that period. Therefore, this exploratory research, aims to analyse the family's adaptation to the adoption, taking into account the parental perception of its demands and potentials, through a qualitative methodology. The sample used in this research consisted of 17 participants, aged between 37 and 47, whose 15 adopted children were aged between 6 and 12. The findings reveal that the main demands have to do with the creation of expectations, the communication of the decision to the extended family, the requirements inherent to the adoption services and the challenges of the adaptation to the parenting role, due to some specific characteristics of the adopted children. Concerning the potentials, the support from the extended family, the parent-child relationship, the convergence between the couple, an optimistic attitude, the social support, the parents search for information and their consequent ability to ask for help were identified. Although marked by some ambivalence, to an extent, it appears that the perceptions of adoption and the adaptation process tend to be positive. To conclude, an analysis of the limitations, as well as a reflection on further investigation and its implications for the clinical practice was performed.

**Keywords:** adoptive parenting; family demands; family's potential; perception of adoption; family's adaptation process.

## Índice

Introdução .....	1
1. Enquadramento teórico .....	4
1.1. <i>Stress</i> , resiliência e parentalidade adotiva .....	4
1.2. Exigências, desafios e <i>stress</i> nas famílias adotivas .....	6
1.3. Potencialidades, definição positiva da situação e adaptação em famílias adotivas .....	10
2. Processo metodológico .....	12
2.1. Enquadramento metodológico .....	12
2.2. Desenho da investigação .....	12
2.2.1. Questão inicial .....	12
2.2.2. Mapa concetual .....	13
2.2.3. Objetivos da investigação .....	13
2.2.4. Questões de investigação .....	13
2.3. Estratégia metodológica .....	14
2.3.1. Seleção e caracterização da amostra .....	14
2.3.2. Instrumentos utilizados na recolha de dados .....	15
2.3.3. Procedimento de recolha de dados .....	16
2.3.4. Procedimento de análise de dados .....	17
3. Apresentação e discussão dos resultados .....	18
Conclusão .....	35
Referências Bibliográficas .....	38

## **Índice de Figuras**

<i>Figura 1.</i> Mapa Concetual	13
<i>Figura 2.</i> Fatores de <i>stress</i> – Nível microssistémico – Contexto parental	18
<i>Figura 3.</i> Fatores de <i>stress</i> – Nível microssistémico – Contexto conjugal	20
<i>Figura 4.</i> Fatores de <i>stress</i> – Nível microssistémico – Contexto de fratria	21
<i>Figura 5.</i> Fatores de <i>stress</i> – Nível microssistémico – Contexto individual-pais	22
<i>Figura 6.</i> Fatores de <i>stress</i> – Nível microssistémico – Contexto individual-criança	24
<i>Figura 7.</i> Fatores de <i>stress</i> – Nível mesossistémico	26
<i>Figura 8.</i> Potencialidades – Recursos	28
<i>Figura 9.</i> Potencialidades – Estratégias de <i>coping</i>	31
<i>Figura 10.</i> Perceção da situação	33

## **Índice de Apêndices**

Apêndice I – Árvore de categorias
-----------------------------------

## Introdução

Com o avançar dos tempos, as evidências têm vindo a sugerir que a família já não pode ser vista e pensada unicamente a partir do modelo nuclear tradicional – progenitores e filhos (Wagner & Levandowski, 2008). Com o aumento da diversidade da família, o interesse pelas tipologias familiares não tradicionais tem aumentado significativamente entre os investigadores de ciências sociais (Lamb, 1999). Neste sentido, a adoção constitui um meio de desenvolvimento da família, dada a impossibilidade de os casais terem os seus próprios filhos (Evans, Ferreira, Rodrigues, & Costa, 2006), ou mesmo devido ao interesse social de cuidar de uma criança (Reppold & Hutz, 2003). Segundo Sá (2005), a adoção é o ato deliberado de uma pessoa que deseja tomar legalmente por filho ou filha uma criança não concebida por ela. Dentro desta definição ampla, o processo de adoção varia de acordo com as características da criança adotada; as características dos pais adotivos; e as circunstâncias que levaram à adoção (Grotevant & McDermott, 2014).

Em Portugal, o número de adoções parece estar a aumentar, o que a verificar-se é bastante positivo, uma vez que para muitas crianças em situação de vulnerabilidade, esse é o modelo que lhes vai permitir uma evolução futura (Strecht, 2012). A adoção é, por isso mesmo, um processo que envolve todas as partes (Salvaterra & Veríssimo, 2008) – os pais biológicos, os pais adotivos e a criança, além da instituição ou pessoas que atuam como intermediárias (Zanetti, Oliveira & Gomes, 2013). Desta forma, segundo os mesmos autores, para que a adoção seja bem sucedida, terá de ir não apenas ao encontro das necessidades da criança, dando-lhe um lar e uma família de caráter permanente, e aumentando assim o seu sentido de segurança, mas também ao encontro das necessidades da família adotiva que desejou uma criança, assim como, eventualmente, da família biológica, que, não podendo tomar conta dela, desejou para ela o seu melhor. Assim, a adoção representa uma das melhores alternativas ao abandono de crianças e adolescentes (Uba & Koester, nd), face à institucionalização.

Contudo, o processo de adoção é muito mais do que simplesmente unir a criança à sua nova família (McDonald, Propp & Murphy, 2001). A adaptação mútua de duas “histórias” estranhas (a dos pais/família adotiva e a do filho) pode ser mais complicada e, muitas vezes, povoada de *stress* (Palacios & Sánchez-Sandoval, 2006), exigindo por isso a mobilização de uma gama de recursos e estratégias adaptativas de resolução de problemas e conflitos (Faber, Timberlake, Mudd & Cullen, 2003).

A chegada de uma criança ao seio familiar, seja ela biológica ou adotiva, é indissociável de inúmeras mudanças com impacto na sua dinâmica e funcionamento. Trata-se da designada crise normativa, isto é, uma alteração previsível que provoca uma crise no funcionamento da família (Scabini, 1992, citado por Pratta & Santos, 2007) e que implica a reformulação de um conjunto de papéis, funções e responsabilidades, quer a nível individual, quer a nível conjugal (Alarcão, 2000).

No caso das famílias adotivas, esta nova etapa do ciclo vital familiar assume determinadas idiosincrasias, desde logo pela ausência dos nove meses de preparação aquando da gravidez, os quais permitem o acentuar de um sentimento de permanência e irreversibilidade (Hajal & Rosenberg, 1991). As famílias adotivas distinguem-se também por tarefas que lhes são específicas, tais como a decisão de adotar, o ajustamento inicial à parentalidade adotiva, as conversas sobre adoção com os filhos, o apoio à curiosidade da criança sobre a família biológica, e a ajuda em lidar com as perdas relacionadas com a situação da adoção (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002).

Uma parte significativa das investigações foi realizada no primeiro ano em que os pais adotivos estão com a criança, o que pode ser um indício de que os resultados relativamente aos níveis elevados de *stress* poderão ser um reflexo do período de ajustamento/adaptação (Palacios & Sánchez-Sandoval, 2006). No entanto, apesar de os níveis de *stress* serem elevados, a perceção dos pais adotivos, relativamente ao processo de adaptação à parentalidade, é tendencialmente positiva (Levy-Shiff, Goldshmidt & Har-Even, 1991). Tal pode acontecer por se tratar do período inicial, uma vez que a tendência dos pais adotivos é a de negar os problemas e dificuldades, passando uma imagem mais positiva de si e, mostrando, desta forma, que são capazes (McCubbin & Patterson, 1983).

Assim, a presente dissertação, de carácter exploratório, pretende, através da análise de narrativas e episódios descritivos de pais adotivos, com filhos em idade escolar, identificar e analisar, tendo como quadro referencial teórico o Modelo de Resposta de Ajustamento e Adaptação Familiar (FAAR) (Patterson, 1988), a adaptação face à adoção, considerando os fatores de *stress*, bem como as estratégias de *coping* utilizadas, e, ainda, os recursos da família. Deste modo, a investigação contará com as seguintes seções: enquadramento teórico, onde se pretende apresentar os estudos já realizados e os respetivos resultados, tendo em conta a temática da dissertação; o processo metodológico, onde se apresenta o desenho do estudo e as estratégias metodológicas; a apresentação e discussão dos resultados, integrados com teoria e com falas exemplificativas dos participantes; e, por último, a conclusão, onde se

pretende uma reflexão final dos respetivos resultados, juntamente com as limitações do estudo, implicações para a intervenção clínica e possíveis investigações futuras.

## 1. Enquadramento teórico

### 1.1. *Stress*, resiliência e parentalidade adotiva

A tarefa da parentalidade é extremamente complexa, sendo que, muitas vezes, deve ser realizada dentro de situações muito exigentes, com recursos materiais e pessoais limitados, e em relação a uma criança que pode ser extremamente desafiante (Abidin, 1990). A maioria dos estudos sobre *stress* parental e as estratégias para a sua resolução focam-se em situações de extremo *stress*, como é o caso das doenças crónicas e terminais (Lopes, Catarino, Dixe, 2010). No entanto, existem muitas outras situações de dificuldade e de exigência, como o caso da adoção, que merecem ser aprofundadas.

As famílias adotivas têm de lidar com tarefas específicas resultantes da interação de vários fatores: pessoais, familiares, sociais e culturais (Bejenaru & Roth, 2012). Muitas destas tarefas são consideradas *stressantes* e, por isso mesmo, estas famílias devem ser apoiadas e orientadas, tanto durante a espera pelo filho, como após a adoção (Huber & Siqueira, 2010).

Lazarus e Folkman (1984) consideram que o *stress* emerge a partir da interação entre o contexto e a avaliação que o indivíduo faz do mesmo, o que influencia fortemente o seu funcionamento biopsicossocial. Enquadrado numa perspetiva sistémica, o Modelo de Resposta Familiar de Ajustamento e de Adaptação (FAAR) de Patterson (1988), enfatiza a relação entre a teoria do *stress* familiar e a perspetiva da resiliência familiar, sendo que a resiliência se encontra relacionada com o funcionamento eficaz da família, num determinado domínio, em relação a uma situação percebida como *stressante*. Segundo o FAAR (1988), para a compreensão do *stress* e resiliência, é necessário considerar: (1) as *exigências familiares*, correspondentes a eventos de *stress* normativos e não normativos, as tensões familiares e o *stress* da vida diária; (2) as *potencialidades familiares*, ou seja, recursos e estratégias de *coping*; (3) o *significado familiar*, compreendido como definições familiares relativamente às exigências e potencialidades; e, por fim, (4) o *ajustamento* ou a *adaptação familiar*. De acordo com Patterson (1988), um estado de desequilíbrio emerge quando a natureza e/ou o número de exigências excedem as potencialidades existentes na família. Já o ajustamento corresponde a pequenas alterações mais ou menos temporárias que são feitas na família, de forma a responder às exigências, com as potencialidades existentes. Por último, no que diz respeito à adaptação, o autor considera que esta fase tem uma duração temporal mais longa e que as consequências da mesma serão mais a longo prazo.

Segundo McKenry e Price (2005), as famílias que são capazes de redefinir e reenquadrar o acontecimento stressor, de forma mais positiva, parecem ter melhores capacidades para se adaptarem. Assim, nas famílias adotivas, é particularmente relevante a compreensão das exigências e potencialidades familiares, bem como a visão parental sobre estas, dado que, para que seja possível a formação de vínculos saudáveis neste novo relacionamento, é imprescindível que os pais adotivos estejam preparados para realizarem uma série de adaptações no contexto familiar, que vão exigir a capacidade de tolerância e permeabilidade a mudanças (Santos, Raspantini, Silva & Escrivão, 2003). Desta forma, os pais que procuram informação e antecipam possíveis dificuldades relacionadas com a parentalidade adotiva, tendem a sentir menores níveis de stress e a possuir uma maior competência para lidar com as dificuldades decorrentes da situação de adoção (Foli & Thompson, 2006).

## 1.2. Exigências, desafios e *stress* nas famílias adotivas

Vários autores têm efetuado estudos, sobretudo com pais adotivos, tendo identificado inúmeros fatores de *stress* parental. Um estudo empírico realizado por Bejenaru e Roth (2012), permitiu identificar alguns desses fatores: (1) os procedimentos relacionados com o *processo de adoção* – e.g., longos períodos de tempo até que ocorra a adoção plena, o questionamento e avaliação aprofundada dos candidatos à adoção; (2) a *chegada da criança* – caracterizada pela incerteza quanto ao momento da sua chegada, a pressão social para uma parentalidade instantânea, os receios quanto ao *feedback* da criança a estes novos pais; (3) a falta de informação sobre a história de vida da criança – mais precisamente sobre características psicológicas e físicas, uma vez que, sem tal informação, os pais revelaram que sentiam incerteza quanto à interpretação e compreensão das manifestações afetivas e comportamentais da criança; (4) a decisão sobre se e quando revelar à criança a sua situação de adotada – seis em dez das mães entrevistadas revelaram que este seria um dos acontecimentos sentidos como mais *stressantes*; e, (5) por último, características específicas da criança adotada – os pais consideraram como mais problemático os atrasos de desenvolvimento e de linguagem que, por sua vez, levavam a comportamentos socialmente negativos e a dificuldades de integração.

Também autores como Levy-Shiff, Goldshmidt e Har-Even (1991), Pryor (2004), Palacios (2000) e Relvas e Alarcão (2002), referem, particularmente, o *stress* inerente à decisão de adoção e ao processo de adoção subsequente. De acordo com Levy-Shiff, Goldshmidt e Har-Even (1991), as famílias adotivas estão constrangidas por uma série de questões prévias à adoção, que são mediadoras do sucesso da mesma, nomeadamente, o luto relativo à possibilidade da parentalidade biológica. A tarefa anterior a esse luto implica, na maioria das vezes, que grande parte dos casais adotivos passe, ainda, por diversas situações não normativas, entre elas, procedimentos médicos intrusivos e sucessivos, para superar uma possível situação de infertilidade (Pryor, 2004). Posteriormente, durante o período de espera, característico do processo de adoção, estes futuros pais, para além de passarem por um processo de criação de expectativas e grande antecipação, que irá exercer uma influência crucial no processo de integração e em todo o funcionamento parental (Levy-Shiff, Goldshmidt & Har-Even, 1991), passam também pela ansiedade de não saberem se cumprem os requisitos necessários, nem os procedimentos envolvidos (Palacios, 2000). Tal espera é também ela geradora de sentimentos de *stress*, ansiedade e angústia, uma vez que, muitas

vezes, não existe o devido envolvimento nem uma preparação gradual do papel parental (Relvas & Alarcão, 2002).

A questão sobre a comunicação específica com os filhos sobre a sua situação de adoção é também considerada, por vários autores, como fortemente geradora de *stress*. Os pais devem decidir como e quando comunicar os dados relativos à sua adoção (Palacios & Sánchez-Sandoval, 2006). No desenvolvimento do ciclo vital da família, o cuidado dos filhos em idade escolar impõe algumas especificidades, isto porque a dependência física e afetiva dos filhos em relação aos pais ainda é grande (Souza, Wagner, Branco & Reichert, 2007). Sendo um período desenvolvimentista em que há um maior envolvimento da criança com o mundo exterior, bem como um maior desenvolvimento cognitivo e afetivo (Hajal & Rosenberg, 1991), surgem, nas famílias adotivas, questões relativas às informações que devem compartilhar, ao momento em que o devem fazer, e qual o impacto na criança desta revelação (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002). Particularmente nesta fase do ciclo de vida familiar, os pais devem ser capazes de criar um ambiente de cuidado que suporte a crescente curiosidade dos seus filhos, no que respeita às suas origens, reforçando uma visão cuidada da família de origem e da sua herança, e mantendo ainda uma comunicação aberta sobre questões de adoção (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002). O apoio relativamente ao sentimento de perda relacionado com a adoção – uma vez que ser adotado implica ter sido aceite por uma família na qual vive, mas também que se pode ter sido rejeitado por uma outra na qual nasceu (Salvaterra & Veríssimo, 2008) –, a promoção de uma autoestima positiva e identidade do filho em relação à adoção, e a forma de lidar com os seus planos de procura da família biológica, são desafios geradores de *stress*, sendo porém cruciais para uma adaptação bem-sucedida (Brodzinsky, Smith & Brodzinsky, 1998).

Num estudo efetuado com dezoito famílias, sobre as preocupações parentais, em pais adotivos, foi possível, ainda, destacar-se uma outra dificuldade, relacionada com o tópico anterior – as *preocupações escolares* (Jorge, Lucas & Lopes, 2014). Pitombo (2005) explica tais dificuldades escolares, por parte das crianças adotadas, como o desejo destas, que ultrapassa o interesse pelas aprendizagens escolares, em perceber a causa do seu abandono. Weber (2004), outro autor que também apoia esta ideia, elabora-a, dizendo que tais dificuldades se encontram ainda relacionados com uma outra variável importante: a ocultação, revelação tardia, inadequada ou feita por terceiros, da sua condição de adotante. No entanto, acrescenta que também há casos de famílias adotantes, em que as crianças

adotivas têm, de facto, dificuldades de aprendizagem, mas que estas em nada se relacionam com a variável do segredo sobre a sua condição de adotante.

Num estudo longitudinal realizado com pais adotivos de trinta e cinco crianças (na entrevista de *follow-up*, um ano depois, apenas participaram os pais de quinze dessas crianças), emergiram cinco categorias relacionadas com o *stress* parental: *interações pais-filhos* – mais concretamente, o facto de os filhos mentirem aos pais, desobedecerem, testarem limites e mencionarem querer voltar para a família de origem; *coesão familiar* – como, por exemplo, a rivalidade entre irmãos, ou até mesmo o ciúme, dado que se trata da chegada de uma outra pessoa, que irá partilhar o amor e a atenção dos seus pais (Lopes, 1998); *ajustamento parental a novos papéis e responsabilidades* – consequentemente, falta de tempo em casal, ou mesmo, o conflito decorrente do facto de cada elemento ter a sua própria individualidade (Féres-Carneiro, 1998), mudança de rotinas e o estabelecimento de regras parentais, com a consequente criação de novas regras de funcionamento familiar (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002), dada a entrada de elementos novos na família (Relvas & Alarcão, 2002); assuntos relacionados com o *serviço de adoção*; e *características da criança*, sendo estas consideradas o fator de maior *stress* (McGlone, Santos, Kazama, Fong & Mueller, 2002). A idade mais avançada da criança, uma história prévia de maus-tratos e abusos, a história e duração da institucionalização, e a presença de problemas de comportamentos desviantes graves, são outros exemplos de fatores de risco para a adaptação da criança ao seu novo lar (Palácios, 2000). Os comportamentos de externalização, tais como a mentira, o roubo, a agressividade física e verbal e, por último, a hiperatividade e problemas de atenção, são fatores fortemente associados a *stress* parental e dificuldades de adaptação (McGlone, Santos, Kazama, Fong & Mueller, 2002). Ainda num outro estudo empírico, realizado por Bird, Peterson e Miller (2002), foi possível encontrar uma associação positiva entre o *stress* e a adoção de mais do que uma criança, sendo que estes pais reportaram que sentiam dificuldades em desenvolver uma relação segura com as suas crianças e, ainda, indicaram que sentiam, frequentemente, dúvidas, se seriam o tipo de pais adequados para as mesmas.

O estudo empírico realizado por Ferreira, Pires e Salvaterra (2004), a uma amostra de cinco indivíduos do sexo feminino e um do sexo masculino, fez emergir, entre outras, as dificuldades relacionadas com a família alargada. Assim, estes relatam que o momento de comunicação da decisão de adotar, à família alargada, traz consigo reações, por vezes, de dúvida, relutância e frieza, que revelam a estigmatização ainda existente. Na mesma linha de pensamento, o autor Dias (citado por Schettini, 2007) menciona que os familiares podem

vir a ser um obstáculo para os casais adotivos, não só pelos seus comentários, como também pelas suas atitudes de resistência.

Os diversos fatores de *stress* a que as famílias adotivas estão sujeitas, explicam o maior risco de problemas de adaptação, principalmente problemas de internalização, externalização e de atenção (Grotevant & McDermott, 2014), bem como o facto de se verificarem mais acompanhamentos psicológicos entre as crianças adotadas, comparativamente com as crianças não-adotadas (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002). Por outro lado, é importante ter em conta as próprias idealizações parentais, pois quando estas não se realizam, o casal tende a sentir frustração e, em muitos casos, há ainda o movimento de desistência, resultando desta forma, na “devolução” da criança (Mattos, Hernandez & Eloy, 2011). É, pois, essencial que os pais adotivos tenham informação prévia sobre tais fatores, compreendam os seus efeitos, bem como a confusão de sentimentos que frequentemente inunda as crianças, as suas ambivalências e inseguranças, ajudando-as a ultrapassá-las (Salvaterra & Veríssimo, 2008), ativando recursos e desenvolvendo competências familiares.

### 1.3. Potencialidades, definição positiva da situação e adaptação em famílias adotivas

Apesar dos fatores de *stress* comuns às situações de adoção e dos riscos supracitados, na sua maioria, as famílias adotivas conseguem mobilizar as suas potencialidades, revelando uma adaptação bem-sucedida (Palacios & Sánchez-Sandoval, 2006). São inúmeros os estudos que mostram que alguns fatores se encontram associados a uma melhor adaptação em casos de adoção, nomeadamente as características da criança adotada – e.g., idade precoce à data da retirada da família de origem e à data da adoção –, e dos pais adotivos – expectativas realistas em relação à criança, experiência vivida ou observada com crianças adotadas, e atitudes parentais positivas com a criança e com o processo de adoção (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Barth & Berry 1988; Glidden 1991; Groze 1996; McDonald, Propp & Murphy, 2001). Ainda relativamente aos fatores relacionados com as características dos pais adotivos, a situação de conjugalidade – possivelmente por implicar co-parentalidade – está também, segundo alguns autores, associada a uma melhor adaptação (McDonald, Propp & Murphy, 2001). A idade – em geral, mais avançada nas mães adotivas comparativamente com mães biológicas – tem também surgido, nalguns estudos, como um fator preditor de adaptação, o que pode ser explicado pela sua associação a vivência conjugal – e, uma vez mais, co-parental –, bem como a situação económica favorecida (Howat-Rodrigues, Tokumaru, Amorim, Garcia & Izar, 2013).

O *stress* parental nos pais adotivos pode ser agravado ou atenuado pela existência e mobilização de recursos intra e extra-familiares (Reynolds & Medina, 2008). No que diz respeito aos recursos intra-familiares, foram vários os estudos que referiram a presença de afeto como fundamental para que as relações proximais fossem estabelecidas (Merçon-Vargas, Rosa & Dell’aglio, 2011). Num estudo empírico levado a cabo por Ferreira, Pires e Salvaterra (2004), foi possível concluir-se que as mães adotivas eram capazes de desenvolver uma relação parental adequada, sendo que se identificavam com os seus filhos adotivos, estabelecendo com eles fortes elos afetivos, caracterizados por um sentimento de pertença e partilha. Por outro lado, no que diz respeito à adoção de fratrias, a literatura indica que esta fornece um suporte natural, reforça o sentimento de estabilidade, continuidade e pertença, contribuindo, desta forma, para a manutenção de um sentimento de identidade positivo (Smith, 2009). Quanto às estratégias de *coping* preditoras de uma melhor adaptação, alguns estudos revelam que a conjugação de estratégias de comunicação com estratégias de disciplina e controlo, são um preditor de sucesso em casos de adoção (Galambos, Barker & Almeida, 2003; Palacios, 2000). Para além destas estratégias, destaca-se ainda as vantagens,

para as crianças, de um apoio e encorajamento por parte dos pais, no que concerne as atividades escolares (Marques, 1993).

Relativamente a recursos extra-familiares, alguns autores sublinham que o suporte social de amigos e a família alargada constituem recursos fundamentais, bem como o apoio de técnicos, desempenhando um papel central na redução do *stress* parental e na adaptação bem-sucedida das famílias adotivas (Bejenaru & Roth, 2012; Bird et al., 2002; Feigelman & Silverman, 1983). Uma vez que o processo de adaptação das famílias adotivas depende de inúmeros fatores, quer da pré-adoção, quer da pós-adoção (Ji, Barth, Brooks & Kim, 2010), o acompanhamento da família, em ambos os momentos, pode constituir um recurso importante, facilitando a redefinição e o reenquadramento positivos dos fatores de stress, e desenvolvendo estratégias de *coping* adequadas (McKenry & Price, 2005).

Em suma, é notória a importância de compreender e desenvolver as competências das famílias adotivas para mais eficazmente superarem os desafios com que continuamente se confrontam. Neste sentido, pretendemos, no presente estudo, explorar, segundo a perspetiva de pais e mães adotivos, as suas principais exigências e desafios, bem como as suas principais forças e competências, no sentido de perceber as suas trajetórias de adaptação.

## 2. Processo metodológico

### 2.1. Enquadramento metodológico

Na presente investigação<sup>1</sup> pretende-se, através da análise de narrativas de casais em casos de parentalidade por adoção, compreender o seu processo de adaptação.. Dado o carácter exploratório do estudo, que irá permitir identificar e descobrir categorias de significado importantes (Marshall & Rossman, 1999), este terá como paradigma inerente o construcionista e uma abordagem metodológica qualitativa.

Dado que um paradigma pode ser visto como um conjunto de crenças básicas que lida com primeiros princípios (Guba & Lincoln, 1994) e dado o carácter de tais crenças, estas devem ser aceites, tendo sempre em conta que não há uma verdade absoluta (Guba & Lincoln, 1994), isto porque apenas se trata de uma realidade ao olhos do investigador. O paradigma sob o qual opera a investigação, como já foi dito, será o construcionista, dado que se trata de uma posição epistemológica que preconiza não ser possível haver perceção da realidade que não esteja influenciada pela subjetividade (Cezar-Ferreira, 2004).

O carácter qualitativo da investigação justifica-se, pois, na pesquisa qualitativa *“há aceitação explícita da influência de crenças e valores sobre a teoria, sobre a escolha de tópicos de pesquisa, sobre o método e sobre a interpretação de resultados”* (Günther, 2006, p.203). Para além disso, o foco do estudo será no contexto e nos sistemas de crenças dos indivíduos, bem como nas suas experiências, comportamentos e emoções (Marshall & Rossman, 1999).

### 2.2. Desenho da investigação

#### 2.2.1. Questão inicial

Dado que a questão inicial pretende ser uma pergunta de partida que irá exprimir, de uma forma geral, o que o investigador pretende saber, elucidar e compreender, formulámos a seguinte questão: *“Como vivenciam pais e mães adotivos, exigências, potencialidades e percepções do processo de adaptação à adoção?”*.

---

<sup>1</sup>Este estudo enquadra-se numa investigação de doutoramento mais ampla sobre famílias adotivas e bem-estar emocional e ajustamento psicológico das crianças, presentemente a ser desenvolvida na FPUL, pela Dra. Marta Nunes, e coordenada pelas Professoras Isabel Narciso e Salomé Vieira Santos. Tal investigação foi aprovada pela Comissão Especializada de Deontologia do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

### 2.2.2. Mapa conceitual

Com o intuito de traduzir graficamente a questão inicial e as variáveis a analisar nesta investigação, de uma forma holística, recorreremos ao Modelo de Resposta Familiar de Ajustamento e de Adaptação (FAAR) de Patterson (1988) para desenhar o mapa conceitual que se segue.

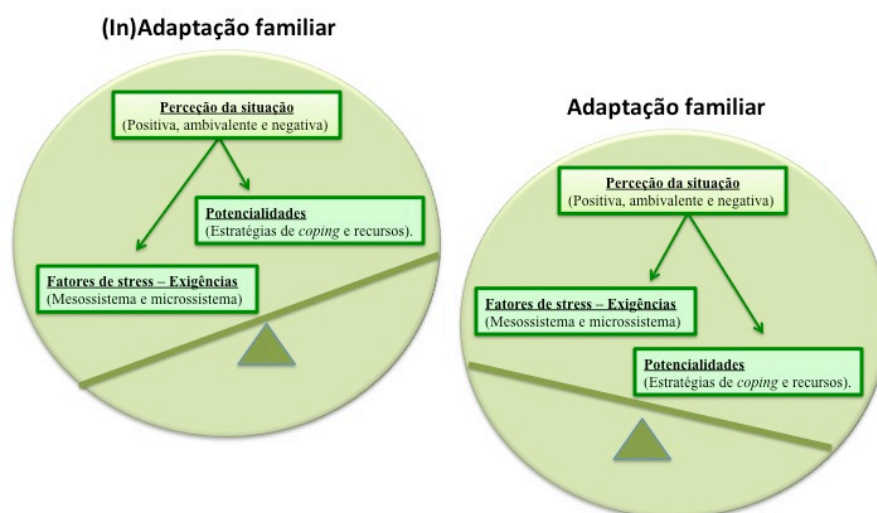


Figura 1. Mapa Conceitual

### 2.2.3. Objetivos da investigação

Com o objetivo geral de compreender o processo de adaptação em famílias adotivas, estabelecemos três objetivos específicos:

1. Identificar e analisar as principais exigências da família em casos de parentalidade adotiva;
2. Identificar e analisar as principais potencialidades da família em casos de parentalidade adotiva;
3. Identificar as percepções da situação de adoção, no que diz respeito ao caráter adaptativo ou inadaptativo da mesma, por parte do casal.

### 2.2.4. Questões de investigação

Dado que as questões de investigação têm o intuito de servir como perguntas exploratórias correspondentes ao que o investigador pretende saber e compreender através dos dados, enunciamos as que orientaram o presente estudo:

- a) Quais as principais exigências, geradoras de *stress*, a nível microssistémico, mais concretamente, no contexto parental?

- b) Quais as principais exigências, geradoras de *stress*, a nível microssistémico, mais concretamente, no contexto conjugal?
- c) Quais as principais exigências, geradoras de *stress*, a nível microssistémico, mais concretamente, no contexto de fratria?
- d) Quais as principais exigências, geradoras de *stress*, a nível microssistémico, mais concretamente, no contexto individual (pais)?
- e) Quais as principais exigências, geradoras de *stress*, a nível microssistémico, mais concretamente, no contexto individual (criança)?
- f) Quais as principais dificuldades, geradoras de *stress*, a nível meso-exossistémico?
- g) Quais os principais recursos disponíveis, para lidarem com as exigências vivenciadas?
- h) Quais as principais estratégias de *coping* utilizadas, face às exigências vivenciadas?
- i) Qual a perceção da situação de adoção que prevalece, no que diz respeito à situação de adaptação ou inadaptação da tarefa de parentalidade adotiva?

## **2.3. Estratégia metodológica**

### **2.3.1. Seleção e caracterização da amostra**

Uma vez que, na pesquisa qualitativa, não há necessidade de grande número de participantes, dado que a opção é pela profundidade em detrimento da amplitude (Cezar-Ferreira, 2004), a seleção dos participantes foi feita através de uma amostragem de conveniência, de modo a que os sujeitos escolhidos correspondessem aos parâmetros relevantes para o objetivo de estudo (Daly, 2007). Para além disso, é importante destacar que esta investigação, à semelhança de outras investigações qualitativas, não tem qualquer intenção de generalização dos resultados à população mas sim uma transferibilidade à teoria (Daly, 2007). Como critérios de inclusão temos: casais com filhos unicamente adotivos; filhos adotivos integrados na família há dois ou mais anos; crianças entre os 6 e 12 anos; e residência em Portugal.

A amostra do presente estudo é constituída por 17 participantes, 9 do sexo feminino e 8 do sexo masculino (53% e 47% da amostra, respetivamente), sendo que 8 dos quais eram casais (um dos casais responde em separado), e 1 era um indivíduo casado. Assim, o total da amostra apresenta idades compreendidas entre os 37 e os 47 anos, sendo a média de idades

dos participantes do sexo feminino de 43 anos, com um desvio padrão de 3 anos e a dos participantes masculinos, 42 anos, com um desvio padrão de 4 anos. Relativamente à situação relacional, dois participantes encontravam-se em união de facto (12%), sendo que os restantes quinze eram casados (88%), com uma média de anos de convivência em casal de 19 anos, com um desvio padrão de 2 anos. No que concerne a situação geográfica, 12 participantes residiam no Centro Sul (70%), 3 no Norte (18%) e 2 no Centro Norte (12%). No que se refere às habilitações académicas, 1 participante detinha um Bacharelato (6%); 13 participantes concluíram o Ensino Superior (76%), dois dos quais com pós-graduações; e, os restantes 3 participantes frequentaram 10 a 12 anos de escolaridade (18%). Já no que diz respeito ao nível socioeconómico, 5 participantes possuem um nível socioeconómico médio alto (29%), sendo que os restantes possuem um nível alto (71%). Quanto aos filhos adotivos, 10 participantes tinham um filho (59%) e 7 tinham dois filhos (41%), sendo que apenas 1 das fratrias foi adotada separadamente. Dos 17 filhos adotivos, 6 eram do sexo feminino (35%) e 11 do sexo masculino (65%). A idade à data do preenchimento do questionário sociodemográfico, variava entre os 6 e os 12 anos, com uma média de idades de 9 anos e um desvio padrão correspondente de 2 anos. A idade à data da adoção, variou entre os 9 meses e os 8 anos de idade, sendo a média de idades de 4 anos, com desvio padrão correspondente a 3 anos.

### **2.3.2. Instrumentos utilizados na recolha de dados**

Para a presente investigação, apenas foram necessários dois instrumentos, dado o carácter qualitativo da mesma.

#### *Questionário sociodemográfico<sup>2</sup>:*

Este questionário foi utilizado com o objetivo de obter dados como a idade, habilitações literárias, idade da criança adotada, idade com que a criança veio para a família, tempo na mesma e anos de convivência em casal.

#### *Entrevista semiestruturada:*

Este instrumento foi sem dúvida o mais relevante para o estudo, uma vez que consistiu numa entrevista, com um guião previamente realizado, de forma a orientar e guiar a mesma. Para Manzini (1991), a entrevista semiestruturada está focalizada num assunto sobre o qual realizamos um guião com questões principais, complementadas por outras questões

---

<sup>2</sup> Uma vez que a investigação sob a qual o presente estudo se insere ainda não se encontra concluída, não será colocado o questionário em anexo, por opção das investigadoras.

inerentes às circunstâncias de cada entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e espontânea.

O guião da entrevista que serviu de base para a investigação encontra-se estruturado em oito blocos temáticos<sup>3</sup>: i) um primeiro relacionado com as narrativas sobre o processo de adoção, sendo o principal objetivo o de perceber a motivação do casal para a adoção; ii) um segundo relacionado com as narrativas sobre o filho, isto é, expectativas anteriores acerca do mesmo e características físicas e psicológicas da criança; iii) um terceiro direcionado para as narrativas sobre o percurso de parentalidade, ou seja, como percepcionam que tenha corrido a adaptação a esta nova forma de família; iv) um quarto relacionado com os fatores de stress e de *coping* percepcionados e utilizados, respetivamente, pela família, sendo este um dos blocos principais para a investigação; v) um quinto focado nas práticas educativas, tanto utilizadas pela família, como percepcionadas como positivas na educação de um filho; vi) um sexto relacionado com o momento de revelação, isto é, como se sentiram nesse momento e como percepcionam que o filho se tenha sentido/ reagido; vii) um sétimo bloco focado na comunicação sobre adoção em família, tendo como objetivo perceber se tal temática é falada no seio familiar e como é vivida; viii) um oitavo sobre a exploração de rituais familiares; ix) e, por último, uma relacionada com as significações sobre a qualidade parental, isto é, sobre as percepções do casal acerca do que é desejável para ser considerado bom pai/boa mãe.

### **2.3.3. Procedimento de recolha de dados**

Como já foi referido anteriormente, esta investigação encontra-se inserida numa mais ampla, tendo os dados, desta forma, sido recolhidos anteriormente, pelas respetivas investigadoras. Assim, a amostra da investigação supracitada foi recolhida através da lista de famílias adotantes de instituições nacionais que selecionam candidatos à adoção, sendo que num primeiro momento - *Estudo 1 (quantitativo)* - foram enviados os protocolos de investigação, protocolo esse que também esteve disponível *online* na plataforma *Qualtrics*. Desta amostra mais ampla, apenas os pais que aceitaram participar nas entrevistas, de forma confidencial e anónima, fizeram parte do segundo momento - *Estudo 2 (qualitativo)* - relacionado com as narrativas das famílias sobre o processo de adaptação.

Por último, após um contato telefónico com os participantes, foram marcadas as datas e o local para as entrevistas semiestruturadas. As entrevistas tiveram a duração média de duas

---

<sup>3</sup> Da mesma forma, o guião da entrevista não será colocada em anexo, por opção das investigadoras.

horas e, após consentimento da família, foram gravadas em formato áudio para posterior transcrição e análise de dados.

#### **2.3.4. Procedimento de análise de dados**

A análise qualitativa constitui uma metodologia de investigação utilizada para descrever e interpretar conteúdos resultantes de entrevistas, textos e documentos escritos (Moraes, 1999). Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão dos significados, a um nível que vai além de uma leitura comum (Moraes, 1999). O *Qualitative Solutions Research Nvivo (QSR)* é um *software* elaborado para a análise qualitativa de dados (Guizzo, Krzimirski & Oliveira, 2003) e foi, desta forma, o recurso utilizado (versão 10), dada a vantagem de operar e agrupar uma diversidade de dados (Guizzo, Krzimirski & Oliveira, 2003).

Procedeu-se a uma análise temática dos dados, a qual segue 6 etapas de forma flexível e não necessariamente linear, (Braun & Clarke, 2006): (1) *familiarização com os dados*, ou seja, transcrições e primeiras leituras das entrevistas, e registos iniciais de possíveis categorias emergentes; (2) *nomeação de categorias iniciais*, onde são criadas categorias que vão emergindo dos dados; (3) *procura de temas*, correspondente a uma segunda codificação das categorias noutras de maior abrangência, podendo aquelas ser incluídas em mais do que um tema; (4) *revisão dos temas*, que consiste na verificação de toda a codificação para garantir a sua coerência; (5) *definição e nomeação dos temas*, isto é, chegar a uma definição e nomeação final dos temas; (6) *elaboração do relatório sobre os resultados*, ou seja, reflexão final integrativa, articulando-se as questões de investigação e revisão de literatura com a descrição dos resultados, alguns dos quais são acompanhados de excertos das entrevistas que ilustrem os temas.

### 3. Apresentação e discussão dos resultados<sup>4</sup>

Pretende-se, nesta secção, apresentar os resultados da análise de dados<sup>5</sup>, e proceder a uma análise integrada e fundamentada dos resultados, através da articulação com a literatura revista e com exemplos de excertos das entrevistas. Ainda, e considerando o modelo ecológico de Bronfenbrenner (1994), serão apresentadas as exigências referentes ao nível microssistémico e mesossistémico, dado que emergiram como mais relevantes. No que concerne os *recursos* e estratégias de *coping*, não se fez uma distinção entre níveis sistémicos, uma vez que optámos por uma visão mais global das potencialidades das famílias adotadas.

#### a) Quais as principais exigências, geradoras de *stress*, a nível microssistémico, mais concretamente, no contexto parental?

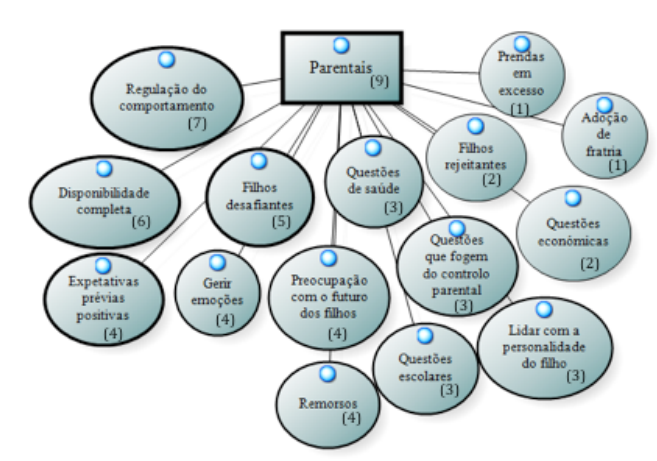


Figura 2. Fatores de *stress* – Nível microssistémico – Contexto parental.

Considerando todo o contexto microssistémico, as exigências, geradoras de *stress* e, conseqüentemente, mais relevantes, que surgiram, foram as: *Parentais* (9)<sup>6</sup>, *Conjugal* (7); *Fratrã* (1)<sup>7</sup>; *Individual-pais* (9); *Individual-criança* (10).

<sup>4</sup>A Árvore de Categorias pode encontrar-se no Apêndice I, sendo que todas as subcategorias se encontram devidamente discriminadas.

<sup>5</sup> Sempre que uma categoria foi referida por metade ou mais de metade das fontes (ou seja, em cinco ou mais entrevistas), é considerada como muito relevante.

<sup>6</sup> Uma vez que o número entre parênteses representa o número de fontes, tal significa que nove das dez fontes mencionaram tal dificuldade. Um vez que as fontes correspondem às entrevistas, relembramos que 7 entrevistas foram efetuadas a casais, e 3 foram individuais. Destas 3, 2 entrevistas foram a pai e mãe do mesmo casal parental, e 1 foi a uma mãe em representação do casal.

No que diz respeito ao contexto *Parental* (9), de entre as várias subcategorias que emergiram, as referentes a *Regulação do comportamento* (7); *Disponibilidade completa* (6); e *Filhos desafiantes* (5), foram as que surgiram como mais relevantes. Ainda, dentro da categoria regulação do comportamento, emergiu uma outra que se intitulou de *Dúvidas parentais* (7). Esta subcategoria vem corroborar os estudos de McGlone, Santos, Kazama, Fong e Mueller (2002), uma vez que diz respeito ao período de incerteza, caracterizado pela fase de ajustamento parental a novos papéis e responsabilidades – “*Foi... este... foi... sentir que havia ali algum mau-estar e às vezes não saber muito bem como reagir. Como fazer. Foi o mais difícil.*” (M10;41;f12-m9)<sup>8</sup>.

Outra grande dificuldade sentida pelos pais, diz respeito à *Disponibilidade completa* (6), uma vez que muitos dos casais dizem ter-se sentido esgotados – “*Foi muito difícil uma coisa... Talvez eu também estivesse muito cansada na semana em que eles vieram... Eu sinto que... eu tive naquela altura quase um esgotamento, portanto ao fim de 2 meses e tal eles tiveram de ir para o jardim de infância, porque eu estava a ver que não conseguia aguentá-los.*” (M2;45;m11-f10). Uma vez que os casais em estudo estariam adaptados à vivência meramente conjugal, este sentimento parece estar relacionado com a necessidade de alteração da dinâmica familiar, com a entrada de elementos novos na família (Relvas & Alarcão, 2002). Para além da mudança de rotina, os pais referem também que, tal exigência, se encontra relacionada, em parte, com características específicas das crianças, mais propriamente, o facto de testarem limites (McGlone, Santos, Kazama, Fong & Mueller, 2002).

Por último, emerge a subcategoria *Filhos Desafiantes* (5). Nesta, os pais referem – “*Depois foi do 16º dia ao (...) foi ali uma coisa muito complicada, porque... nós, fomos... instruídos... e nós também já agimos naturalmente assim que... aquilo que as crianças mais desejam é regras... há regras... e as regras, não eram regras militares, mas... os meninos não vinham habituados a regras... então houve ali uma grande resistência do lado deles ao ponto de nos porem à prova...*” (P3;39;m11-m8). Sem dúvida que este período inicial é encarado

---

<sup>7</sup> O resultado desta categoria não foi relevante, porém irá ser analisado, dado o possível interesse investigativo e com o intuito de dar resposta à questão de investigação.

<sup>8</sup> A seguir a cada excerto, apresenta-se entre parênteses, a informação sobre o emissor: Mãe ou Pai (M ou P); o número do casal parental; idade; e relativamente ao(s) filhos: sexo (m ou f) e idade. Exemplo: (P3; 49; m4). Quando o excerto se refere a dois emissores (Mãe e Pai), são apresentadas as informações de ambos, separadas por um hífen. Exemplo: (P3-M3; 49-46; m4). Quando têm mais do que um filho, são apresentadas as informações relativas aos dois filhos, separadas por um hífen. Exemplo: (M1; 45; f8-m5).

como um período de crises normativas que requer ajustes significativos, principalmente, através do estabelecimento de regras parentais e da criação de novas regras de funcionamento familiar (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002), sendo, por isso, um período mais complicado e com uma carga de *stress* maior. Para além disso, este pai menciona que os seus filhos o desafiavam, indo tal facto, mais uma vez, de encontro aos estudos de McGlone, Santos, Kazama, Fong e Mueller (2002).

Dois dos cinco casais com fratria, confirmam a associação positiva entre o *stress* e a adoção de mais do que uma criança (Peterson & Miller, 2002), dado que relataram ter sentido dúvidas sobre se seriam o tipo de pais adequados para as mesmas e, ainda, relacionaram tal *stress* ao facto de serem crianças difíceis (Bejenaru & Roth, 2012; McGlone, Santos, Kazama, Fong & Mueller, 2002). Curiosamente, ao contrário dos estudos analisados, a decisão sobre se e quando revelar à criança a sua situação de adotada, não foi sentida por nenhum dos participantes como *stressante* (Bejenaru & Roth, 2012; Palacios, & Sánchez-Sandoval, 2006). Como possível justificação, encontramos os resultados de Foli e Thompson (2006), uma vez que estes afirmam que os pais que procuram informação e antecipam possíveis dificuldades relacionadas com a parentalidade adotiva, tendem a sentir menores níveis de *stress*. Dado que a maioria dos casais menciona ter procurado ajuda e informação, tal poderá ter reduzido o *stress* associado à comunicação sobre adoção, mencionada em estudos anteriores. Por outro lado, apesar de não terem sentido dificuldades sobre a revelação da situação de adotado, referem sentir alguma relutância sobre as questões relativas às informações que devem partilhar e sobre qual o impacto na criança de tais revelações, mais concretamente, sobre o porquê de terem sido abandonados pela família biológica e sobre o possível reencontro futuro com esta, o que é corroborado pela literatura empírica sobre o tema (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002).

**b) Quais as principais exigências, geradoras de *stress*, a nível microssistémico, mais concretamente, no contexto conjugal?**

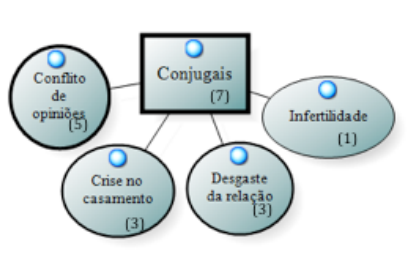


Figura 3. Fatores de *stress* – Nível microssistémico – Contexto conjugal.

Respondendo à questão de investigação, dentro do contexto conjugal, surgiram quatro subcategorias, sendo que apenas a referente ao *Conflito de opiniões (5)* emerge como muito relevante. De acordo com Féres-Carneiro (1998), o casal é composto por duas individualidades que formam uma conjugalidade, sendo que o facto de cada elemento do casal ter a sua própria individualidade, por vezes pode causar situações de *stress*. Tal emerge explicitamente na citação desta mãe – “*Bem, para nós gerou discussões entre pais, não é? Porque quem diz que os filhos aproximam os pais deve andar muito distraído. Porque os filhos são um foco enorme de tensão entre um casal e portanto... eu dar uma ordem e depois ele dá uma ordem contrária e depois eu achar que se deve ir pela direita e ele achar que se deve ir pela esquerda... portanto, isso gerou ali conflitos.*” (M10;41;f12-m9). No que diz respeito à falta de tempo em casal (McGlone, et al., 2002), tal dificuldade não foi mencionada como *stressante* por nenhum participante, sendo, no entanto, referida por um pai, que afirma que a sua mulher a sente como *stressante*. O número reduzido de dificuldades neste contexto, parece estar relacionado com a situação de conjugalidade, isto é, a co-parentalidade (McDonald, Propp & Murphy, 2001), bem como o tempo longo de vivência conjugal (Howat-Rodrigues, Tokumaru, Amorim, Garcia & Izar, 2013), uma vez que a média de vivência conjugal da amostra é de 19 anos – “*M: Não é só isso, nós próprios já nos conhecemos muito bem um ao outro, já estamos há muitos anos. Portanto, eu já sei quando é que sou eu que tenho de ceder e quando é que tem ele de ser. Eu já sei que há coisas que eu já sei, por experiência, não é?*” (M1;37;f10-f7).

**c) Quais as principais exigências, geradoras de *stress*, a nível microssistémico, mais concretamente, no contexto de fratria?**

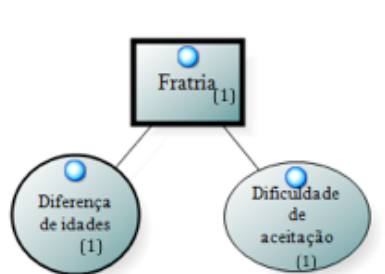


Figura 4. Fatores de *stress* – Nível microssistémico – Contexto de fratria.

As principais dificuldades que emergiram, no que diz respeito à *Fratria (1)*, foram a *Dificuldade de aceitação (1)* e a *Diferença de idades (1)*. O facto de apenas ter surgido este tipo de dificuldades numa entrevista, pode dever-se ao facto de só haver

uma família na amostra que tenha adotado uma fratria em separado, sendo que as restantes fratrias eram constituídas por crianças biologicamente relacionadas entre si. Assim, assumindo que tal reação se deve a um ciúme por parte dos irmãos, (Lopes, 1998), tal sentimento deve-se à chegada de outra pessoa, também ela estranha ao sistema, significando que os irmãos irão ter de partilhar o amor e a atenção dos seus pais. Tal rejeição inicial e, conseqüentemente, dificuldade sentida, está patente no discurso deste pai – “*Sempre, sempre houve aquela fase em que a FV<sup>9</sup>... a FN<sup>10</sup> quando veio para casa, a dada altura mordia na irmã |M: Ah, sim| foi uma situação |M: stressante, sim, sim| de algum stress familiar, de, de...*” (P1-M1;37;f10-f7). No que diz respeito à subcategoria *Diferença de idades (1)*, esta dificuldade surge associada à entrada da filha mais velha na pré-adolescência, com conseqüente negligência para com a irmã mais nova, sendo que, no entanto, o casal considera que a adoção de irmãos é favorável – “*E, portanto, eu diria que vamos entrar agora na fase...nesta pré-adolescência (...) Até agora esta diferença de 3 anos de idade entre raparigas tem sido perfeito porque elas 90% das brincadeiras fazem juntas, divertem-se imenso e dão-se muito bem, muito bem (E afirma) agora começámos a notar que ela... que a FV começa a ficar farta da irmã*”. (M1;37;f10-f7). Assim, corroborando a literatura, a adoção de fratrias parece auxiliar o processo de adaptação, dado que reforça o sentimento de estabilidade, continuidade e pertença, contribuindo, desta forma, para a manutenção de um sentimento de identidade positivo nas crianças (Smith, 2009).

**d) Quais as principais exigências, geradoras de *stress*, a nível microssistémico, mais concretamente, no contexto individual (pais)?**

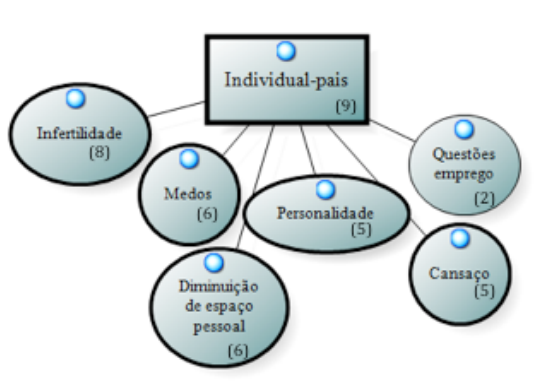


Figura 5. Fatores de stress – Nível microssistémico – Contexto individual-pais.

<sup>9</sup> “FV” significa que estão a falar da filha mais velha.

<sup>10</sup> “FN” significa que estão a falar da filha mais nova.

A *Infertilidade* (8); *Medos* (6); *Diminuição de espaço pessoal* (6); *Personalidade* (5); *Cansaço* (5); e *Questões de emprego* (2), foram as dificuldades que surgiram nesta categoria *Individual-pais* (9), como é possível ver na *Figura 5*. Apenas a última das subcategorias não tem relevância, sendo que as restantes foram todas mencionadas por metade ou mais, dos participantes.

Dado que a maior parte dos casais adotivos vivenciaram algumas tentativas de parentalidade biológica e, conseqüentemente, o luto por tal forma de família (Levy-Shiff, Goldshmidt & Har-Even, 1991), verifica-se tal dificuldade, tal como ilustra a seguinte citação – *“Imagine, normalmente sobrepõe-se a um processo de infertilidade e portanto já são situações extremamente penalizantes, dolorosas, penalizantes em termos sociais, em termos das relações entre casais amigos e tudo isso, e depois o sofrimento físico e psíquico de todo o processo de, de, de perder filhos atrás de filhos, não é, porque nós tivemos 5 abortos e portanto também foi assim uma satur... uma situação muito desgastante.”* (M2;45;m11-f10).

Outra subcategoria que emergiu como muito relevante foi *Medos* (6), que se encontram relacionados com as vivências iniciais da adoção – *“Buracos foi mais no início porque havia também a nossa insegurança. Havia sempre... estava sempre presente o que é que é decorrente de se ser uma criança e o que é que é decorrente de ser adotada.”* (M24;41;f12-m9). Subjacente a esta subcategoria, encontra-se o processo de criação de expectativas geradoras de ansiedade parental (Levy-Shiff, Goldshmidt & Har-Even, 1991).

A *Diminuição do espaço pessoal* (6) – *“Este processo de adoção que... não tem sido fácil, na medida em que às vezes temos de combater os nossos egoísmos, os nossos hábitos, enfim (...) eu levei um pontapé no egoísmo, foi uma coisa brutal. Eu tinha o tempo todo do mundo para estudar, para ver um filme ou outro...”* (P10;45;f12-m9), pode ser explicada pelo facto de os pais, num momento em que se encontram sobrecarregados com a reorganização de papéis e competências e, ainda, criação de novas regras e rotinas de funcionamento familiar (Alarcão, 2006; Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Mateus & Relvas, 2002), terem também de passar pela alteração de rotinas subjacentes à parentalidade (McGlone, Santos, Kazama, Fong & Mueller, 2002).

Surgiu também a categoria *Personalidade* (5), como um gerador de *stress* parental – *“Eu que sempre fui dona da minha vida desde que me lembro de existir, quase, não é, porque tomei conta de toda a gente, ninguém tomava de mim...foi horroroso para mim as primeiras, os primeiros anos... chegava a um ponto que era desesperante”* (M2;45;m11-f10). Neste

caso, o fator personalidade encontra-se relacionado com a mudança de rotinas e o consequente ajuste ao novo papel parental (McGlone, Santos, Kazama, Fong & Mueller , 2002). Para além disso, muitos pais relacionam o *stress* que sentem em relação a certas situações, com características da sua própria personalidade, essencialmente o facto de se considerarem muito preocupados – *“Ah, sim... mas isso é culpa minha, quer dizer... a minha FN cai, cai muito, é mais destrambulhada, é mais bricalhona, mais coisa (...) ela cai, levanta-se e a primeira coisa que diz é “mãe, eu estou bem”. Que eu até me sinto mal porque ela já sabe que a mãe vai ficar tão preocupada que (sorri) “mãe eu estou bem”, tipo ela... “mãe, eu estou bem! Está tudo bem” (ri) uma questão de feitio.”* (M1;37;f10-f7).

De igual modo, o *Cansaço* (5) – *“Sim... eu terminei isto tudo com um grande esgotamento este ano (...) sinto um enorme peso... às vezes sinto que não vou ser capaz de levar isto tudo até ao fim... mas... tenho aprendido a lidar com... lá está, com a adversidade...”* (M6;44;m11) parece estar associado à dificuldade de ajustamento parental aos novos papéis e à mudança de rotinas com a chegada das crianças (McGlone, Santos, Kazama, Fong & Mueller , 2002).

**e) Quais as principais dificuldades, geradoras de *stress*, a nível microssistémico, mais concretamente, no contexto individual (criança)?**

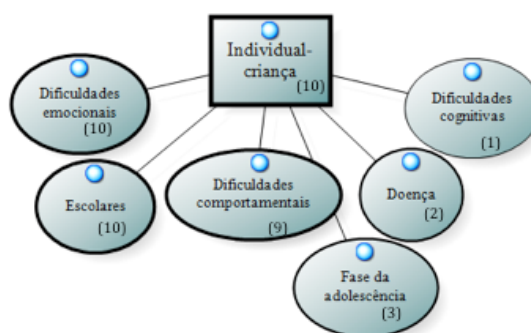


Figura 6. Fatores de *stress* – Nível microssistémico – Contexto individual-criança.

Na categoria *Individual-criança* (10), surgiram seis subcategorias, sendo que dessas seis, as *Dificuldades emocionais* (10), *Escolares* (10), e as *Dificuldades comportamentais* (9) foram as que cumpriram o critério de relevância. No que diz respeito às *Dificuldades emocionais* (10), emergiu, ainda, uma subcategoria, a *Insegurança* (9), que foi mencionada em quase todas as famílias – *“E ele não está a gostar nada desta fase |P: pois| e costuma perguntar-me muitas vezes “nós vamos ficar mesmo pobres? E se ficarmos pobres vocês vão-me mandar outra vez para onde eu estava? Para o centro de acolhimento...”*” (M6-P8;44-

39;m11). Tal resultado vai de encontro ao que é sublinhado pela literatura empírica relativamente à necessidade que as crianças adotadas têm de sentir segurança por parte da família adotiva, dado já terem passado por algumas perdas ao longo das suas vidas (Salvaterra, & Veríssimo, 2008).

Na subcategoria *Escolares (10)*, emergiram outras duas com muita relevância: *Desempenho académico (6)* e *Conflito com colegas (6)*. De facto, a maior preocupação parental, segundo Jorge, Lucas e Lopes (2014), diz respeito às preocupações escolares. Uma mãe, numa das entrevistas, menciona que – “*A escola desgasta muito quando a gente adota miúdos destes, porque a pessoa tem que corresponder e estes miúdos são diferentes, não são iguais.*” (M6;44;m11). Para além das dificuldades a nível académico, surgiram também dificuldades a nível social, com os colegas – “*E ele muitas vezes não consegue, de uma forma assertiva, responder no meio dele, responder de forma adequada... então acaba por... por vezes estar ali em algumas situações, desconforto... quiçá talvez algum, algum... um roçar de bullying.*” (P3;39;m11-m8). Nestas citações, encontra-se patente as preocupações mencionadas pelos autores Bejenaru e Roth (2012), dado que, para estes pais, o facto de haver algum atraso de desenvolvimento e de linguagem, leva a que o seu filho tenha dificuldades de integração.

Por último, a propósito de *Dificuldades comportamentais (9)*, surgiram, ainda, duas subcategorias muito relevantes: *Mentira (6)* e *Agressividade (6)*. Tais comportamentos de externalização vêm referidos em várias investigações, tais como na de McGlone, Santos, Kazama, Fong e Mueller (2002), como estando fortemente associados a *stress* parental – “*Eu é a parte das |P: a mentira | das mentiras e... |P: a mentira é terrível | aquelas maroscas que ele arranja para nos enganar...(pai suspira) essa parte... |P: vai ser uma luta... um receio muito grande que nós temos...| vai.../*” (M3-P3; 39-39; m11-m8) – “*É essa característica, é uma tristeza para mim ver como ele destrói tantas coisas, não digo até as coisas para construir, pronto, essas eu vou relevando, mas ele, eu não sei se por estar zangado com as coisas da vida, numa fase inicial destruiu muita coisa, eles destruíram muita coisa na nossa casa.*” (M2;45;m11-f10).

## f) Quais as principais dificuldades, geradoras de *stress*, a nível meso-exossistémico?

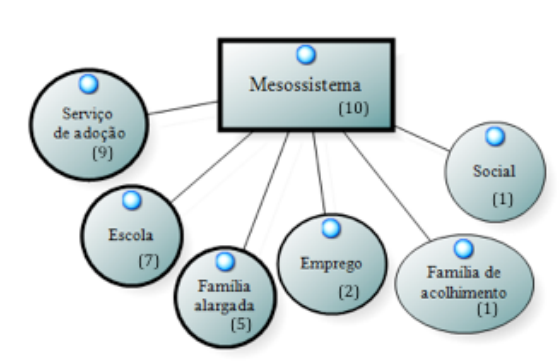


Figura 7. Fatores de *stress* – Nível meso-exossistémico.

Tendo em conta que o mesossistema e o exossistema compreendem as interações e processos que ocorrem entre dois ou mais sistemas (Bronfenbrenner, 1994), foram vários os sistemas mencionados pelos participantes. Os contextos meso-exossistémicos geradores de *stress* e, conseqüentemente, causadores de maior número de dificuldades, parecem ser: *Serviço de adoção* (9); *Escola* (7); *Família alargada* (5); *Emprego* (2); *Família de acolhimento* (1); e *Social* (1).

Dentro da categoria *Serviço de adoção* (9), surgiram mais cinco subcategorias, sendo que as referentes à *Falta de rigor* (9) e ao *Pouco acompanhamento* (6) serão as exploradas neste capítulo, dado o critério de relevância. O período de avaliação dos candidatos à adoção, da responsabilidade dos serviços de adoção, é, na maioria das vezes, a causa de preocupações e ansiedade, não só pelo facto de os pais adotantes temerem não cumprir os requisitos necessários, mas também pelo desconhecimento dos procedimentos envolvidos (Palacios, 2000). No que concerne a subcategoria *Falta de rigor* (6), um dos casais demonstra o seu descontentamento dizendo – “*Eu sinceramente acho... acho que o processo demora... acaba por ter algum rigor, mas podia ser mais rigoroso e ser menos... |M: Claro que a legislação...| e menos demorado, não é? (...)|M: Eu acho que aí se deve ser... se há sítio onde se deve ser rigoroso é no estudo das famílias|.*” (P1-M1;37-37;f10-f7). Nesta citação, aparece reforçado o primeiro fator de *stress* parental identificado por Bejenaru e Roth (2012), que diz respeito aos procedimentos relacionados com o processo de adoção, uma vez que o casal sentiu como dificuldade tanto o longo período de tempo, como a falta de rigor do questionamento e da avaliação efetuada pelo serviço.

Já a subcategoria *Pouco acompanhamento* (6) – “*Foi, foi penalizante isso, para mim. Penso que... também não podem ser muito rápidas as coisas... mas... justificava-se que houvesse mais tempo se os serviços estivessem efetivamente a fazer algum trabalho com o*

*casal... que não era o caso.*” (M2;45;m11-f10), corrobora a literatura, uma vez que o tempo de espera é, muitas vezes, penalizante para estes futuros pais, não existindo um envolvimento e preparação gradual do papel parental, e causando, por isso, sentimentos de *stress*, ansiedade e angústia (Relvas & Alarcão, 2002).

No que diz respeito à categoria *Escola (7)*, das quatro subcategorias emergentes, apenas a subcategoria *Mudança de escola (5)* cumpre o critério de relevância, sendo esta uma dificuldade relatada pelos pais – *“Quando ela foi para o primeiro ano e mudou de escola foi um momento muito difícil para mim |P: Exato, ela mudou de escola duas ou três vezes| duas ou três vezes.”* (P1-M1;37-37;f10-f7). Muitos pais referiram terem alterado entre escola pública para colégio, pois sentiam que os seus filhos necessitavam de um maior acompanhamento por parte dos professores. Tais preocupações escolares aparecem, como sendo as mais significativas, no estudo de Jorge, Lucas e Lopes (2014). Ainda tendo em conta o referido por Pitombo (2005) e Weber (2004), uma mãe menciona – *“A escola é muito exigente e a pessoa tem que... a escola desgasta muito quando a gente adota miúdos destes, porque a pessoa tem que corresponder e estes miúdos são diferentes, não são iguais... eu sei que há miúdos assim... mas estes são mesmo diferentes... a escola não lhes diz nada, por enquanto, até hoje a escola não lhes diz nada”* (M2;45;m11-f10), confirmando, assim, o fraco interesse das crianças no que concerne as aprendizagens escolares. No entanto, no que diz respeito à associação entre a falta de interesse escolar e a variável do segredo, o mesmo não se confirma na amostra em estudo, uma vez que todos os pais referem que os seus filhos sabem da sua condição de adotado.

Por último, na categoria *Família alargada (6)*, as principais dificuldades relatadas pelos pais dizem respeito ao momento em que anunciam o desejo de adoção, sendo que há um certo cuidado no que toca à escolha da etnia, por haver receio que a criança não fosse tão bem acolhida no meio familiar – *“Eles ficaram completamente perturbados quando souberam que íamos adotar... e portanto... (...) achei que tinha que ter alguma consideração porque estes miúdos iam fazer parte de um núcleo familiar que não me incluía só a mim e ao meu marido, e nessa altura fizemos um bocadinho mais a seleção.”* (M2;45;m11-f10). Tal como vem referido na literatura, o momento de comunicação da decisão de adotar, à família alargada, fez emergir alguma relutância (Ferreira & Salvaterra, 2004) por parte dos seus membros. Ainda, a falta de suporte, ou mesmo de compreensão, por parte da família alargada é também referida – *“P: Na família... o que é que nós encontramos? Um pai e uma mãe... ou uns tios, etc... que “então mas se eles fazem isso, porque é que vocês não fazem assim ou*

porque é que não fazem assado?” eles não estão lá dentro e não percebem bem o que se está a passar.” (P3;39;m11-m8). Desta forma, tal como refere Dias (citado por Schettini), os familiares podem, também eles, ser um obstáculo para os casais adotivos, pelos seus comentários.

**g) Quais os principais recursos disponíveis, para lidarem com as exigências vivenciadas?**

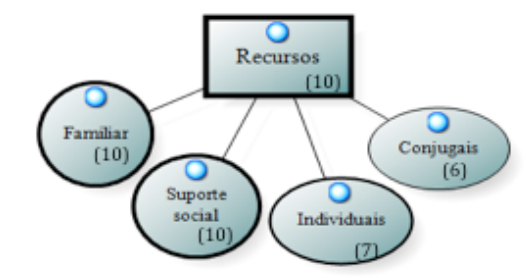


Figura 8. Potencialidades – Recursos.

Os principais *Recursos* (10) que emergiram para fazer face às exigências vivenciadas foram: *Familiar* (10); *Suporte social* (10); *Individuais* (7); e *Conjugais* (6). No quadro dos recursos familiares, emergiram, ainda, algumas subcategorias muito relevantes, tais como: *Relação pai(s)-filho(s)* (10); *Família alargada* (9); *Estar presente* (6); *Momentos em família nuclear* (6); e *Clima e organização* (5). No que diz respeito aos recursos familiares, mais propriamente na subcategoria *Relação pai(s)-filho(s)* (10), uma mãe refere que – “O que tem sido fácil tem sido esta parte de termos ido buscar alguém que não era nosso e que se adaptou tão bem a nós. Se é esse o medo que têm, de irem buscar alguém que não é nosso biologicamente, desistam, apaguem, porque essa parte do biológico não tem nada a ver.” (M6;44;m10) – uma das forças na parentalidade adotiva é a presença de afeto, para que as relações proximais sejam estabelecidas (Merçon-Vargas, Rosa & Dell’aglio, 2011), sendo que este discurso esteve presente em todos os pais entrevistados. Tal resultado vem corroborar o que foi dito por Ferreira, Pires e Salvaterra (2004), dada a capacidade parental em desenvolver uma relação adequada, estabelecendo com os seus filhos fortes elos afetivos, caracterizados por um sentimento de pertença e partilha.

A *Família alargada* (9) emergiu como uma importante fonte de familiar – “Depois também temos muito apoio familiar, portanto... e a minha mãe também me ajuda, a mim pessoalmente, nestas dificuldades, como ela também foi uma mãe muito parecida comigo e da maneira de encarar as coisas, que me ajuda... “olha, tens que ter calma, tens não sei quê, tens não sei quanto” pronto, aquelas coisas de mãe-filha (sorri) também ajuda.”

(M1;37;f10-f7). Tal resultado vem corroborar alguns estudos empíricos, uma vez que a família alargada foi percebida como um recurso fundamental no desempenho de um papel central, na redução do *stress* parental, e na adaptação bem-sucedida das famílias adotivas (Bejenaru & Roth, 2012; Bird et al., 2002; Feigelman & Silverman, 1983).

A subcategoria *Estar presente (6)* revela que um grande facilitador do sentimento de pertença é, sem dúvida, a presença parental – “*Ser um bom pai... É alguém que consegue estar sempre presente sem estar demasiado presente, que eles sentem que que que... está lá quando é preciso.*” (P5;47;m6). Mais uma vez, a presença de afeto mostrou ser fundamental para as relações estabelecidas (Merçon-Vargas, Rosa, & Dell’aglio, 2011), estando a mesma conclusão patente na subcategoria, *Momentos em família nuclear (6)* – “*Ali estão ondas, porque são os melhores momentos que nós temos, quando entramos de férias, podemos estar uns com os outros, usamos um... usamos tempos e espaços uns dos outros de uma forma descontraída, sem horários.*” (M2;45;m11-f10).

A última subcategoria emergente, *Clima e organização (5)*, surgiu em metade dos casais e está relacionada, mais uma vez, com a importância das regras e da existência de um ambiente organizado, com rotinas (McGlone, Santos, Kazama, Fong, & Mueller, 2002) – “*Se bem que... acho que cá em casa, uma das... do equilíbrio da nossa família... as tarefas já estão muito partilhadas e... umas tarefas estão partilhadas e outras estão alocadas. Nós já sabemos bem o papel de cada um e em que situação... um intervém mais do que o outro e eu acho que nesse aspecto a família está mais... organizada e acaba por ser |M: é a experiência| sim, é a experiência e estamos bem, bem... |M: conhecermo-nos todos| estamos bem rotinados uns com, uns com os outros, neste momento.*” (P1-M1;37-37;f10-f7). Assim, verifica-se que o estabelecimento de regras parentais, com a consequente criação de novas regras de funcionamento familiar (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002), com a entrada de elementos novos na família, tem tendência a reduzir o grau de *stress* parental e familiar (Relvas & Alarcão, 2002).

No que diz respeito à categoria *Suporte Social (10)*, emergiram como muito relevantes os recursos *Comunitários (9)*, mais concretamente a *Psicóloga (9)* e a *Medicação (7)* e, emergiu também como recurso, o *Serviço de adoção (8)*. Os casais adotantes, quando se deparam com situações mais difíceis, mobilizam recursos extrafamiliares (Reynolds & Medina, 2008), como já vimos anteriormente. Assim, o facto de as crianças adotadas terem um número maior de acompanhamentos (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002), parece dever-se ao facto de os pais adotivos tenderem a recorrer mais aos serviços de saúde, por problemas

menos graves (Palácios, 2000) – *“E pronto, fomos a uma psicóloga educacional e ela agora é seguida por uma equipa... tem mesmo uma equipa especializada no défice de atenção e os resultados são... não podiam ser melhores.”* – (M1;37;f10-f7); *“Quer dizer, a mãe é mais... tem dificuldade em mostrar o que sente... é muito insegura, também está... não interessa para aqui, mas está a fazer um acompanhamento realmente... terapêutico, em que tem que... está a trabalhar esses aspectos de... não reagir com o coração, reagir mais com a inteligência, pensar.”* (P8;45;f12-m9). Foi curioso perceber que não eram apenas as crianças que tinham mais apoio terapêutico, como também os pais, sendo este um recurso parental. Para além disso, o apoio medicamentoso também ocorreu tanto em pais como em filhos – *“Sim... eu terminei isto tudo com um grande esgotamento este ano. Tenho vindo a lidar com ele... eu para mim... eu tenho lidado bem com o stress porque eu tomo a medicação. Eu não... eu não sei como é que eu lidaria com tudo isto se eu não tivesse a medicação.”* (M6;44;m10); *“Agora... a verdade é que eu sinto que... ele deixa de tomar e fica outra vez num estado... de excitação, uma coisa... a portar-se mal, portanto...”* (M10;41;f12-m9). É de notar que o grande recurso *extrafamiliar* utilizado pela amostra foi, sem dúvida, o apoio dos técnicos (Bejenaru & Roth, 2012; Bird et al., 2002).

No que diz respeito ao *Serviço de adoção (8)*, temos relatos de pais que se demonstram muito satisfeitos com o mesmo, uma vez que o sentiram como uma importante rede de apoio, uma vez que os ajudaram a lidar melhor com algumas situações e imprevistos – *“E na segurança social, felizmente, parece-me a mim que foi uma instituição que, que, que superou as expectativas, para melhor... na medida em que, do outro lado, tínhamos sempre alguém a dizer “isto são eles a pô-los à prova...isto... quer dizer que isto está a correr muito bem”* (P4;39;m11-m8). Está mais uma vez patente a importância tanto de um acompanhamento como do carácter informativo que, por sua vez, transmite segurança a estes novos pais (Bejenaru & Roth, 2012; Bird et al., 2002; Feigelman & Silverman, 1983; Foli & Thompson, 2006).

Na categoria dos recursos individuais, emergiu como subcategoria muito relevante a *Personalidade (5)*, mais propriamente a *Otimista (5)*. De facto, características consideradas como muito importantes para uma parentalidade adotiva incluem, não só, uma boa preparação por parte dos pais, como também a existência de expectativas realistas em relação à criança e à parentalidade em si (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002) - *“É assim, no... dizia uma coisa simples... não foi difícil porque nós também simplificamos. Nós fizemos com que não fosse difícil, não complicamos, não tivemos stress, não tivemos pressão, não fomos*

*demasiado exigentes com o que haveria ou não de chegar até nós. É uma questão de postura.”* (P7;40;f9). O facto de os pais se considerarem otimistas encontra-se relacionado com a forma como lidam com as situações potencialmente *stressantes*, sendo que tendem a olhar para as dificuldades como algo que tem que se resolver e não como algo negativo.

Por último, no que concerne aos recursos conjugais, surgiu como muito relevante a *Convergência no casal* (5). Uma vez que inúmeros estudos destacam que a coesão familiar parece estar relacionada com uma maior duração do casamento dos casais adotivos (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002) e que tal força parece facilitar a resolução de dificuldades e a manutenção da estabilidade familiar (Relvas & Alarcão, 2002), entende-se que este seja um recurso potenciador de uma redução de *stress* (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002). Uma vez que os casais do presente estudo têm uma média de 19 anos de convivência, este parece ser um forte facilitador do processo de adaptação, talvez por implicar a tal co-parentalidade afirmada por McDonald, Propp e Murphy (2001) – *“As coisas só ficam um pouco mais fáceis quando o casal está alinhado naquilo que querem e está em respeito... e que haja respeito no casal.”* (P3;39;m11-m8).

**h) Quais as principais estratégias de *coping* utilizadas, face às exigências vivenciadas?**

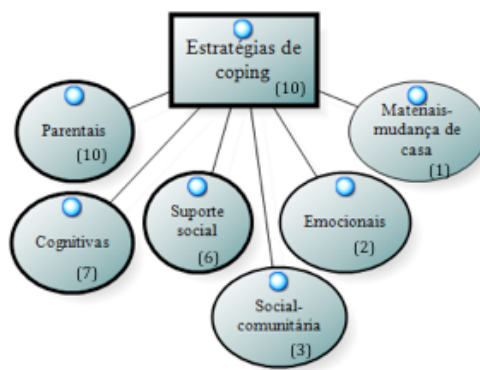


Figura 9. Potencialidades – Estratégias de *coping*.

As principais estratégias de *coping* utilizadas pela amostra do presente estudo, isto é, as mais relevantes, são as *Parentais* (10); *Cognitivas* (7); e o *Suporte social* (6). Dentro das estratégias de *coping* parentais emergiram a *Regulação do comportamento* (7), mais especificamente, *Retirar privilégios* (7) e *Explicitação de normas-valores* (6) e *Aumentar bem-estar escolar* (6).

No que diz respeito à regulação do comportamento, as estratégias de *coping* mais utilizadas parecem ser as de *Retirar privilégios* (7) – *“Pronto, aqui... o que funciona bem e...”*

a moeda de troca é o tablete. “Deixas de ter tablete, ou fazes ou não fazes” e pronto e isso... |E: E funciona?| Eles são sensíveis a isso.” (P8;45;f12-m9) - e a *Explicitação de normas-valores (6)* – “A FV ainda hoje, basta eu zangar-me e ficar ofendida com ela, dizer “oh FV, não estava à espera disto. Desiludiste-me” (...) A FV basta este género de coisas para ela própria ficar incomodada, muito... depois temos que falar bastante sobre o assunto e não sei quê, portanto aquilo é... é quase que o suficiente...” (M1;37;f10-f7). Assim, no que concerne as estratégias de *coping* predictoras de uma melhor adaptação, alguns estudos tinham mostrado que a conjugação de estratégias de comunicação com estratégias de disciplina e controlo, seriam um predictor de sucesso em casos de adoção (Galambos, Barker & Almeida, 2003; Palacios, 2000). De facto, de acordo com os relatos parentais do presente estudo, parece confirmar-se tal teoria.

*Aumentar o bem-estar escolar (6)*, que parece estar relacionado com uma maior presença e um maior acompanhamento por parte dos pais – “É dificuldades ou falta de atenção? |P: depois claro, desceu as notas, aumentámos o acompanhamento, estudamos mais com ela, fazer mais perguntas antes dos testes e pronto, as notas acabaram depois por melhorar| melhoraram um bocadinho |P: também... obrigá-la...” (M1-P1;37-37;f10-f7). Desta forma, a teoria de Marques (1993) surge corroborada, uma vez que a estratégia de encorajamento e apoio parece estar relacionada com um maior sucesso escolar.

No que se refere às estratégias de *coping* cognitivas emergiu a *Procura de informação (6)* como estratégia principal para lidar com as dificuldades, tanto de forma antecipatória, como após e durante o acontecimento – “Depois lemos, sobre o assunto... |P: bastante | internet, investigo imenso |P: bastante...| leio imenso e consigo... |P: livros | e estou a ler e estou a dizer “pois é, é mesmo isto que acontece, é mesmo isto” |P: Ainda agora comprámos um livro sobre PHDA | isto é mesmo o que acontece em minha casa.” (M3-P3;39-39;m11-m8). Os pais que procuraram informação e antecipam possíveis dificuldades relacionadas com a parentalidade adotiva, tendem a sentir menores níveis de *stress* e tendem a possuir uma maior competência para lidar com as dificuldades decorrentes da situação de adoção, tal como verificado por Foli e Thompson (2006).

Por último, no que diz respeito ao suporte social, emergiu como subcategoria o *Pedir ajuda (5)*, estratégia importante de acordo com Foli e Thompson (2006) – “Eu sou, eu sou bastante lúcida, portanto quando comecei a perceber que estava a rebentar... pedi logo ajuda e... inscrevi os miúdos na escola e tentei canalizar a...as poucas energias que tinha

*para poder organizar os miúdos noutras contextos, para poder ter alguma sanidade.”* (M2;45;m11-f10).

**i) Qual a percepção da situação de adoção que prevalece, no que diz respeito à situação de adaptação ou inadaptação da tarefa de parentalidade adotiva?**

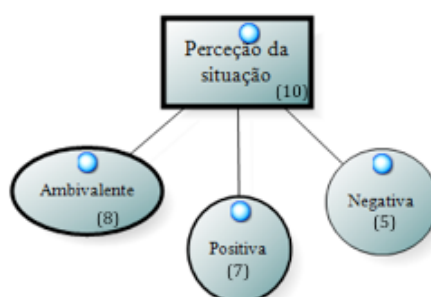


Figura 10. Percepção da situação.

Pelo que se pode observar na figura acima, a percepção da situação que parece prevalecer é a *Ambivalente (8)*, sendo que a percepção *Positiva (7)* e a percepção *Negativa (5)*, também surgem como muito relevantes. Tal resultado parece ir ao encontro das investigações, uma vez que segundo Levy-Shiff, Goldshmidt, & Har-Even (1991), os pais adotivos apresentam percepções positivas no que diz respeito à sua adaptação à parentalidade, mesmo apesar das dificuldades. Neste caso, a percepção ambivalente pode significar precisamente que, apesar de perceberem bastantes dificuldades, os pais mantêm uma percepção positiva. *“Agora, o processo de adaptação...pronto, também foi mais difícil do que aquilo que esperávamos mas correu mais ou menos dentro daquilo que...Quer dizer, terminou bem digamos assim.”* (M4;43;m8), demonstrado que a fase inicial foi a sentida como mais *stressante*, como seria de esperar, dado tratar-se do período de ajustamento/adaptação (Palacios & Sánchez-Sandoval, 2006). As percepções positivas – *“A pergunta é simples mas pode não ser assim tão simples. Como é que eu posso responder... não sei, acho que no fundo... a coisa saiu melhor que a encomenda, portanto...ela corresponde exatamente ao que eu acho que deveria ser ter um filho.”* (P7;40;f9) vão no sentido da importância das idealizações parentais (Mattos, Hernandez, & Eloy, 2011), uma vez que foi notório que a percepção seria tanto mais positiva quanto mais fidedigna fossem as expectativas parentais, tanto em relação à criança, como em relação à parentalidade. Já as percepções negativas - *“Chegamos até mesmo a pensar que... se calhar para o melhor... o melhor para eles, e mais uma vez sempre a pensar no bem deles... se calhar este processo*

*não estava a ser bom para eles, então o melhor era... [M: eles voltarem para a família de acolhimento | voltarem para a família de acolhimento... devolver, o ato de devolução.]” (P3-M3;39-39;m11-m8) revelam como as idealizações parentais podem, por outro lado, ser armadilhas, pois quando não realizadas, verifica-se a frustração e o tal movimento de desistência (Mattos, Hernandez, & Eloy, 2011).*

#### 4. Conclusão

Nesta última secção, pretende-se apresentar, de forma clara e concisa, uma reflexão final sobre os principais resultados obtidos, refletir sobre algumas limitações intrínsecas ao estudo e, sobre possíveis investigações futuras de interesse para a temática, tal como implicações para a prática clínica. Tendo em conta os objetivos do estudo, e o caráter qualitativo do mesmo, foi possível identificar-se as principais exigências, potencialidades e percepções parentais, relativas ao processo de parentalidade adotiva.

Assim, tendo em conta os objetivos para a presente dissertação, as principais exigências percebidas pelos pais, dizem respeito, numa primeira fase, ao desgaste causado pela impossibilidade de efetivarem uma parentalidade biológica e, após a decisão pela parentalidade adotiva, o *stress* inerente à criação de expectativas sobre o futuro filho (Levy-Shiff, Goldshmidt & Har-Even, 1991). Outro fator *stressante* destacado, relaciona-se com o momento de comunicação da decisão de adotar (Ferreira & Salvaterra, 2004), tal como a falta de suporte, ou mesmo de compreensão, por parte da família alargada. Emergiram ainda exigências relativas aos procedimentos relacionados com a adoção (e.g. longo tempo de espera e pouco acompanhamento nesse mesmo período e, principalmente, após a adoção plena). Uma vez com a criança, as maiores dificuldades relatadas pelos pais dizem respeito à fase de ajustamento parental a novos papéis e responsabilidades (e.g. diminuição do espaço pessoal), com a conseqüente mudança de rotinas (McGlone, Santos, Kazama, Fong e Mueller, 2002) e ainda, o conflito conjugal que surge aquando a educação dos seus filhos. Por último, características específicas da criança adotada (e.g. a mentira, a agressividade e a insegurança) constituem um grande fator *stressor* para estes pais, sendo que as preocupações relativas às dificuldades escolares e de integração social, foram igualmente relevantes.

Uma vez que para lidar com tais exigências, é necessário que haja uma mobilização de recursos e estratégias adaptativas (Faber, Timberlake, Mudd, & Cullen, 2003), surgem algumas que merecem destaque. No que diz respeito aos recursos, destacam-se o apoio por parte da família alargada, a relação parental-filial, a convergência entre casal, uma personalidade otimista e, mencionado por todos os participantes, o suporte social, mais especificamente, a ajuda de psicólogos e o uso de medicamentos. Emergiu também a presença parental como uma grande potencialidade e, ainda, a existência de regras que, segundo alguns pais, oferecem segurança à criança. Já no que concerne as estratégias de *coping*, destacam-se a procura de informação e a capacidade parental de pedir ajuda, aquando o surgimento de alguma dificuldade. Não menos importante, a conjugação de estratégias de

comunicação com estratégias de disciplina e controlo (Galambos, Barker, & Almeida, 2003; Palacios, 2000), com o fim de haver uma melhor regulação do comportamento dos seus filhos, emergiu também como relevante. Neste sentido, a explicitação de normas e o aumento do bem-estar escolar, com conseqüente aumento de acompanhamento parental, surgem também como potencialidades.

As perceções parecem ser positivas, embora marcadas também por ambivalência, face à perceção de dificuldades e exigências vividas. Tais dificuldades parecem tender a ser mais acentuadas no período inicial de adoção. Enquadrando o Modelo de Resposta Familiar de Ajustamento e de Adaptação (FAAR) de Patterson (1988), os resultados sugerem que a trajetória realizada pelos pais é tendencialmente adaptativa, dado que, apesar das exigências sentidas, estes parecem possuir uma grande gama de recursos e estratégias para lidar com aquelas. Assim, apesar de todas as exigências mencionadas ao longo da investigação, a relação parental-filial, os recursos sociais, a procura de informação e a convergência entre o casal, parecem ser os fatores principais para que a adaptação à parentalidade adotiva seja assegurada.

A presente dissertação conta com algumas limitações, como o facto de a amostra, para além de ser de conveniência, os participantes possuíam um nível socioeconómico médio alto/alto e, ainda, habilitações académicas acima dos 10 anos de escolaridade. Para além disso, o tamanho reduzido da amostra, não possibilita uma análise mais aprofundada, rica e generalizável, dos resultados. O facto de se explorarem apenas casais, com filhos meramente adotivos, também consiste num fator limitativo, pois não foi possível relacionar o resultado com variáveis potencialmente interessantes. Ainda, é importante recordar que dois casais responderam em separado e que uma mãe respondeu sozinha, pelo casal, sendo este um fator limitativo, dado que se perde a uniformidade da amostra. Também, dado o carácter qualitativo do estudo e o facto de o processo de codificação e análise dos resultados ter sido realizado, maioritariamente, por um investigador, a subjetividade e o possível enviesamento poderão ser elevados. No entanto, dado que toda a dissertação foi revista por um investigador devidamente qualificado e que, a mesma, contribui com informações significativas, é possível a reflexão sobre investigações futuras e implicações para a prática clínica.

No que diz respeito a investigações futuras, acredita-se ser de grande interesse a comparação dos resultados desta amostra, com outros de casais com filhos mistos, pais singulares ou, por outro lado, casais com filhos meramente biológicos. Ainda, com o intuito de tornar a investigação mais fidedigna, seria também uma mais-valia a utilização de uma

metodologia mista, de forma a reduzir a subjetividade inerente à metodologia qualitativa. Por último, sugerir a realização de um estudo longitudinal, dado que as trajetórias adaptativas parecem ir mudando ao longo do tempo, sendo desta forma possível perceber de que forma e como é que as perceções parentais se alterariam.

Quanto às implicações para a prática clínica, os próprios participantes do estudo sugerem que haja uma melhoria no serviço de adoção, essencialmente no período pós-adoção. Muitos casais referiram sentir que, assim que obtiveram a adoção plena, foram abandonados pelos serviços, sendo que se depararam com várias situações de ansiedade por não terem ninguém a quem recorrer nesse período inicial. Para além disso, muitos casais referem também que, apesar do processo ser demorado, tal aspeto teria sido percecionado mais positivamente se, nesse período houvesse, por exemplo, um treino de competências parentais com os candidatos. Ainda, sugere-se que haja também uma maior incidência em ações de formação, na área da adoção, não só para técnicos, como também para professores e para toda a comunidade, com o intuito de haver um aumento de informação e, desta forma, uma maior compreensão, para com as crianças, e uma maior aceitação desta tipologia familiar.

## Referências bibliográficas

- Abidin, R. (1990). Introduction to the special issue: the stresses of parenting. *Journal of clinical child psychology*, 19 (4), 298-301.
- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios familiares - Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Barth, R., & Berry, M. (1988). Adoption and disruption: Rates, risks, and responses. [On-line]. Retirado de endereço eletrônico.
- Bejenaru, A., & Roth, M. (2012). Romanian adoptive families: Stressors, coping strategies and resources. *Children and Youth Services Review*, 34 (7), 1317-1324.
- Bird, G., Peterson, R. & Miller, S. (2002). Factors associated with distress among support-seeking adoptive parents. *Family Relations*, 51, 215–220.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2), 77-101.
- Brodzinsky, D. & Pinderhughes, E. (2002). Parenting and child development in adoptive families. In: M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting*. Vol 1: Children and parenting (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Brodzinsky, D., Smith, D., & Brodzinsky, A. (1998). Children's adjustment to adoption. *Vol. 38: Developmental Clinical Psychology and Psychiatry*. New York: Sage Publications.
- Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological Models of Human Development. *Readings on the Development of Children*, 5, 37-43.
- Cezar-Ferreira, V. (2004). A pesquisa qualitativa como meio de produção de conhecimento em psicologia clínica, quanto a problemas que atingem a família. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6 (1), 81-95.
- Daly, K. (2007). *Qualitative methods for family studies and human development*. [On-line]. Retirado de endereço electrónico.
- Evans, J., Ferreira, M., Rodrigues, M., & Costa, S. (2006). Novas formas de família: O caso da adoção para quem já tem filhos biológicos. *Revista de Antropologia Experimental*, 6, 137-159.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11 (2), 379-395.
- Ferreira, S., Pires, A., & Salvaterra, M. (2004). Filho do coração... adoção e comportamento parental. *Análise Psicológica*, 2 (21), 399-411.
- Foli, K., & Thompson, J. (2006). *A Aventura da Adoção*. Cruz Quebrada: Estrela Polar.

- Galambos, N., Barker, E., & Almeida, D. (2003). Parents *do* matter: Trajectories of change in externalizing and internalizing problems in early adolescence. *Child Development, 74*, 578-594.
- Glidden, L. (1991). Adopted children with developmental disabilities: Post-adoptive family functioning. *Child and Youth Services Review, 13*, 363–378.
- Grotevant, H., & McDermott, J. (2014). Adoption: Biological and Social Processes Linked to Adaptation. *doi: 10.1146/annurev-psych-010213-115020*.
- Groze, V. (1996). *Successful adoptive families: A longitudinal study of special needs adoption*. London: Praeger.
- Guba, E., & Lincoln, Y. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (105-117). Newbury Park, CA: Sage.
- Guizzo, B., Krzimirski, C., & Oliveira, D. (2003). O software QSR Nvivo 2.0 na análise qualitativa de dados: ferramenta para a pesquisa em ciências humanas e da saúde. *Rev. Gaúcha Enferm, Porto Alegre (RS), 24 (1)*, 53-60.
- Günther, H. (2006). Pesquisa Qualitativa *Versus* Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 22 (2)*, 201-210.
- Hajal, F., & Rosenberg, E. (1991). The family life cycle in adoptive families. *American Orthopsychiatric Association, 61 (1)*, 78-85.
- Howat-Rodrigues, A., Tokumar, R., Amorim, T., Garcia, A., & Izar, P. (2013). Genetic and adoptive motherhood: *Stress, marital relationship, and child care support*. *International Journal Of Psychology, 48 (6)*, 1212-1220.
- Huber, M., & Siqueira, A. (2010). Pais por adoção: a adoção na perspectiva dos casais em fila de espera. *Psicologia: Teoria e Prática, 12 (2)*, 200-216.
- Ji, J., Barth, R., Brooks, D., & Kim, H. (2010). Beyond Preadoptive Risk: The Impact of Adoptive Family Environment on Adopted Youth’s Psychosocial Adjustment. *American Journal of Orthopsychiatry, 80(3)*, 432-442.
- Jorge, M., Lucas, M., & Lopes, T. (2014). Preocupações parentais de pais adotivos. *International Journal of Developmental and Educational Psychology. Revista de psicologia, 1 (1)*, 259-266.
- Lamb, M. (Ed.). (1999). Parenting and child development in “nontraditional” families. [Online]. Retirado de endereço electrónico.
- Lazarus, R., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer.

- Levy-Shiff, R., Goldshmidt, I., & Har-Even, D. (1991). Transition to parenthood in adoptive families. *Developmental Psychology*, 27 (1), 131-140.
- Lopes, J. (1998). O ciúme entre irmãos. *Saúde Infantil*, 20 (3), 67-70.
- Lopes, S., Catarino, H., & Dixe, A. (2010). *Estratégias de coping no exercício da parentalidade e a sua relação com os factores sociodemográficos*. Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal.
- Manzini, J. (1991). A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, 26/27, 149-158.
- Marshall, & Rossman C. (1999). *Designing Qualitative Research*. (3<sup>rd</sup> ed.). Thousand Oaks, California: Sage.
- Mateus, G., & Relvas, A. (2002). Adoção e parentalidade. In A. Relvas, & M. Alarcão (Eds.). *Novas formas de família* (123-187). Coimbra: Quarteto.
- Mattos, M., Hernandez, M., & Eloy, C. (2011). Adoção e devolução: a criança devolvida. In *Congresso Nacional de Psicologia: actas do 9.º Congresso da UNIFIL*, 25 a 30 Abr. 2011.
- Marques, R. (1993). “Ligar a escola ao meio: criar redes de apoio aos alunos”. In. Davies et all., *Os Professores e as Famílias – a colaboração possível*. *Livros Horizonte*, 55-60.
- McDonald, T., Propp, J. & Murphy, K. (2001). The postadoption experience: child, parente, and family predictors of family adjustment to adoption. *Child Welfare*, 80, 71-94.
- McGlone, K., Santos, L., Kazama, L., Fong, R., & Mueller, C. (2002). Psychological stress in adoptive parents of special-needs children. *Child Welfare*, 81 (2), 151-171.
- McKenry, P. & Price, C. (2005). *Families & Change: Coping with stressful events and transitions*. Thousand Oaks, California: Sage.
- Merçon-Vargas, E., Rosa, E., & Dell’aglio, D. (2011). Adoção Nacional e Internacional: processos proximais no período de convivência. *Salud & Sociedad*, 2 (3), 268-283.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, 22 (37), 7-32.
- Palacios, J., & Sánchez-Sandoval, Y. (2006). Stress in parents of adopted children. *International Journal of Behavioral Development*, 30 (6), 481–487.
- Patterson, J. (1988). Families Experiencing Stress. *Family Systems Medicine*, 6 (2), 202-237.
- Pitombo, E. (2005). Adoção e problemas de aprendizagem. [On-line]. Retirado de endereço eletrônico.
- Pratta, E., & Santos, M. (2007). Família e adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12 (2), 247-256.

- Pryor, J. (2004). Parenting in Reconstituted and Surrogate Families in Hoghugh, M., & Long, N. *Handbook of Parenting – theory and research for practice*. London: Sage.
- Reppold, C., & Hutz, C. (2003). Reflexão social, controle percebido e motivações à adoção: características psicossociais das mães adotivas. *Estudo psicologia*, 8 (1), 25-36.
- Reynolds, J., & Medina, S. (2008). Challenges and resiliency factors of families with internationally adopted children. In G. R. Walz, J. C. Bleuer, & R. K. Yep (Eds.), *Compelling counseling interventions: Celebrating VISTAS`fifth anniversary*, (81-90). An Arbor, MI: Counseling Outfitters.
- Salvaterra, F. & Veríssimo, M. (2008). A adoção: O direito e os afectos. Caracterização das famílias adoptivas do distrito de Lisboa. *Análise Psicológica*, 26 (3), 501-517.
- Santos, M., Raspantini, R., Silva, L., & Escrivão, M. (2003). Dos laços de sangue aos laços de ternura: o processo de construção da parentalidade nos pais adotivos. *PSIC*, 4 (1), 14-21.
- Sá, E. (2005). *Abandono e adoção*. Coimbra, Edições Almedina.
- Schettini, S. (2007). Filhos por adoção: um estudo sobre as dificuldades percebidas no seu processo educativo em famílias com e sem filhos biológicos. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- Smith, S. (2009). Siblings in foster care and adoption: What we know from research. In D. N. Silverstein & S. L. Smith (Eds.), *Sibling in adoption and foster care: traumatic separations and honored connections* (13-26). Westport, CT: Praeger.
- Strecht, P. (2012). *Interiores Uma ajuda aos pais sobre a vida emocional dos filhos*. Lisboa, Assírio & Alvim.
- Uba, V., & Koester, F. (nd). A adoção tardia e a constituição da família: uma análise jurídico-social.
- Wagner, A., & Levandowski, D. (2008). Sentir-se bem em família: um desafio frente à diversidade. *Revista Textos & Contextos Porto Alegre*, 7 (1) p. 88-97.
- Weber, L. (2004). *Mitos, Medos e Preconceitos da Adoção*. Construir.
- Zanetti, S., Oliveira, R., & Gomes, C. (2013). Concepções diferenciadas de família no processo de avaliação de pretendentes à adoção. *Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina*, 34 (1), 17-30.

## **Apêndice**

## Apêndice I – Árvore de Categorias

<b>Categorias</b>	<b>Fontes</b>
<b>Fatores de stress – Exigências - Desafios</b>	<b>10</b>
<b>Mesosistema</b>	<b>10</b>
Serviço de adoção	9
Falta de rigor	6
Pouco acompanhamento	6
Duração do processo	4
Falta de informação sobre criança	2
Escola	7
Mudança de escola	5
Não estar preparada	3
Professora	2
Colocarem com mais novos	1
Família alargada	5
Conservadora	3
Avós	2
Comentários	2
Ciúme	1
Emprego	2
Família de acolhimento	1
Social	1
<b>Microsistema</b>	<b>10</b>
Individual- criança	9
Dificuldades emocionais	10
Insegurança	9
Vitimização	4
Questões de dormir	3
Baixa auto-estima	2
Desistir	2
Falta de confiança	2
Tristeza	2
Insatisfação	1
Escolares	10
Desempenho académico	6
Conflito com colegas	6
Falta de interesse	4
Entrada na escola	3
Dificuldades comportamentais	9
Mentira	6
Agressividade	6
Hiperatividade- défice de atenção	4
Impulsividade	4
Teimosia	3
Desarrumação	1
Comportamentos egoístas	1
Manipuladora	1

Fase da adolescência	3
Doença	2
Dificuldades cognitivas	1
Parentais	9
Regulação de comportamento	7
Dúvidas parentais	5
Castigos	3
Questão das regras	3
Controlo parental	2
Firmeza parental	1
Punição física	1
Disponibilidade completa	6
Filhos desafiantes	5
Expetativas prévias positivas	4
Gerir emoções	4
Preocupação com o futuro dos filhos	4
Remorsos	4
Lidar com a personalidade do filho	3
Questões de saúde	3
Questões escolares	3
Questões que fogem controlo parental	3
Filhos rejeitantes	2
Questões económicas	2
Adoção de fratria	1
Prendas em excesso	1
Individual- pais	9
Infertilidade	8
Diminuição do espaço pessoal	6
Medos	6
Receios iniciais	4
Família de acolhimento	2
Conhecer progenitores	1
Fase da adolescência	1
Insegurança com etnia diferente	1
Personalidade	5
Preocupada	4
Exteriorização de sentimentos	1
Independente	1
Insegurança	1
Pessimista	1
Ponderada	1
Cansaço	5
Questões emprego	2
Conjugais	7
Conflito de opiniões	5
Crise no casamento	3
Desgaste da relação	3
Infertilidade	1

Fratria	1
Diferença de idades	1
Difícultades de aceitação	1
<b>Perceção da situação</b>	<b>10</b>
<b>Ambivalente</b>	<b>8</b>
<b>Positiva</b>	<b>7</b>
<b>Negativa</b>	<b>5</b>
<b>Potencialidades – Coping - Recursos</b>	<b>10</b>
<b>Estratégias de coping</b>	<b>10</b>
<b>Parentais</b>	<b>10</b>
Regulação do comportamento	10
Retirar privilégios	7
Explicitação normas-valores	6
Punição física	3
Reforço positivo	2
Negociar regras	2
Estabelecer rotinas	1
Escrever regras	1
Aumentar bem-estar escolar	6
Aumento acompanhamento parental	4
Atrasar um ano	1
Mudança de escola	1
Férias – ausência de atividades	1
Convergência parental	4
Aumentar disponibilidade parental	3
Fomentar autonomia	1
Fomentar autorregulação	1
<b>Cognitivas</b>	<b>7</b>
Procura de informação	6
Relativizar	2
<b>Suporte social</b>	<b>6</b>
Pedir ajuda	5
Terapia da fala	2
Férias – ausência de psicólogo	1
<b>Social – comunitário</b>	<b>3</b>
Voluntariado	3
<b>Emocionais</b>	<b>2</b>
Atividades de lazer	1
Fugir do conflito – voltar mais calma	1
<b>Materiais – mudança de casa</b>	<b>1</b>
<b>Recursos</b>	<b>10</b>
<b>Familiar</b>	<b>10</b>
Relação pai(s)-filho(s)	9
Família alargada	9
Estar presente	6
Momentos em família nuclear	6
Clima e organização	5
Transmitir segurança	4

Relação entre irmãos	3
Estarem previamente informados	2
<b>Suporte social</b>	<b>10</b>
Comunitária	9
Psicóloga	9
Medicação	7
Médico	3
Amigos	2
Empregada	2
Diretora da instituição	1
Serviço de adoção	8
Escola – professora	2
<b>Individuais</b>	<b>7</b>
Personalidade	5
Otimista	5
Calmo	3
Formação moral	1
Preocupada	1
Experiência prolongada	2
Experiência prévia	2
<b>Conjugais</b>	<b>6</b>
Convergência casal	5
Equilíbrio entre casal	4
Comunicação	4